

Todos nós somos médiums?



Paulo Neto

Todos nós somos médiuns?

(Versão 20)

“Sabemos bem que aquele que raciocina erradamente julga ser lógico. Ele o é à sua maneira, mas só para si e não para os outros. Quando uma lógica é rigorosa como dois e dois são quatro, e as consequências são deduzidas de axiomas evidentes, o bom-senso geral, mais cedo ou mais tarde faz justiça a todos esses sofismas. [...]” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2019 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<http://www.inspirationalwords.org/wp-content/uploads/2011/02/8259686.jpg>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, março/2019.

Agradecimentos

Aos confrades
Hugo Alvarenga Novaes e
Francisco Rebouças
por todas as suas sugestões e
pelo incentivo ao nosso trabalho.

Índice

1. Prefácio.....	5
2. Introdução.....	8
3. Algumas definições.....	10
4. A quem se deve qualificar de médium.....	17
4.1. Na codificação.....	17
4.2. Autores clássicos e modernos do Espiritismo.....	76
4.3. Obras de cunho mediúnico.....	87
5. Um bom exemplo de ser médium sem o saber.....	101
6. Deve-se procurar desenvolver a mediunidade?.....	111
7. Conclusão.....	118
8. Referências bibliográficas.....	121
9. Dados biográficos do autor.....	126

1. Prefácio

Sinto-me honrada pelo convite em prefaciá-lo um livro tão rico de conteúdo. E grata pela confiança depositada.

Paulo Neto é um estudioso da Doutrina Espírita, muito dedicado às pesquisas das obras básicas e subsidiárias, e autor de diversos livros, editados com o intuito de facilitar o aprendizado a quem queira esclarecimentos mais profundos sobre temas abordados por ele, em obras como: *“A Alma dos Animais: Estágio Anterior à Alma Humana?”*; *“Kardec e Chico – Dois Missionários”*; *“As Colônias Espirituais e a Codificação”* e outras (títulos disponibilizados na última página).

Neste ebook ele discorre sobre o estudo da mediunidade, um tema que deve ser encarado com seriedade e atenção por todos que queiram expandir seus conhecimentos Espírita-Cristãos.

O Espiritismo nos explica quem somos; de onde viemos; para onde vamos e o que estamos fazendo aqui. E nos propõe a Fé Raciocinada.

Emmanuel nos alerta: “Iluminemos o raciocínio sem descuidar o sentimento. Burilemos o sentimento sem desprezar o raciocínio”. (*Livro da Esperança*, cap. 17 - Supercultura - Ed. Comunhão Espírita Cristã).

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” - Jesus. (João, 8: 32)

Na busca do conhecimento, mergulhemos na leitura deste livro, que nos ajuda a compreender: nossa condição de Espíritos imortais, como se processa o intercâmbio entre o mundo espiritual e o mundo físico e o papel que os fluidos perispirituais exercem nessa comunicação.

“Libertando-nos e crescendo em amor e conhecimento, na sementeira da Mediunidade com o Evangelho e o Espiritismo, venceremos o homem velho, que ainda habita em nós, para ressurgirmos na indumentária do homem espiritualmente novo, capaz de entender a Deus e afeiçoar-se aos seus desígnios”. (*Mediunidade e Evolução* - Introdução - Peralva, Martins - Ed. FEB)

“Todos nós somos médiuns?”

A resposta você encontrará nas páginas deste ebook, cujo estudo e pesquisa o seu autor se debruçou e nos oferece em retribuição ao muito que tem recebido da Doutrina Espírita.

Que Jesus ilumine as mentes que buscam aumentar seus conhecimentos sobre as Doutrina Espírita e seus fundamentos, e que obtenham como consequência, a expansão da consciência.

Charify Molaib Neto
Grupo Espírita Emmanuel
Belo Horizonte, MG

2. Introdução

Em **A Gênese**, capítulo XVII - *Predições do Evangelho*, especificamente no tópico “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão”, item 59, lemos esta passagem bíblica, que foi objeto de análise por Allan Kardec (1804-1869):

“Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos criados terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei meu espírito sobre os meus servos e minhas servas e eles profetizarão.”

(Atos cap. II, v. 17 e 18)

Dos comentários do Codificador, no item 61, transcrevemos o seguinte trecho:

É o anúncio inequívoco da vulgarização da mediunidade, em nossos dias, que se revela entre os indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições, e consequentemente a

manifestação universal dos Espíritos, porque sem os Espíritos não haveria médiuns. Além disso, é dito, acontecerá nos *últimos tempos*; ora, desde que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à sua regeneração, é preciso que se entenda essas palavras como os últimos tempos do mundo moral que termina. ⁽¹⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Então, em meados do século XIX, segundo o Codificador, a profecia de Joel se cumpria, com a “*vulgarização da mediunidade*”, ou seja, sua popularização, que “*se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições*”.

Esse será o nosso ponto de partida, para buscarmos responder a questão proposta no título do presente ebook.

3. Algumas definições

Inicialmente, antes de adentrar no tema, é necessário que vejamos a definição do que seja um médium, pois, sem isso, não há como responder à questão proposta no título. Assim sendo, vejamos, primeiramente, em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXII, item 234, como o Espírito Erasto, ao responder à pergunta “*O que é um médium?*”, definiu esse termo:

*É o ser, indivíduo que serve de intermediário aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens, espíritos encarnados. Por conseguinte, **sem médium não há comunicações** tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer espécie que seja. (²)*
(itálico do original)

Em **Instruções Práticas Sobre a Manifestação dos Espíritos**, no cap. Vocabulário Espírita, Allan Kardec, por sua vez, explica esse tema da seguinte forma:

MÉDIUM (do lat. *Médium*, meio, intermediário): **peças acessíveis à influência dos Espíritos**, e mais ou menos dotadas da faculdade de receber e transmitir suas comunicações. Para os Espíritos, o médium é um intermediário; é um agente ou um instrumento mais ou menos cômodo, segundo a natureza ou o grau da faculdade mediúcnica. Esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento. **Distinguem-se diversas variedades de médiuns**, segundo sua aptidão particular para tal ou tal modo de transmissão, ou tal gênero de comunicação. (3)

O mestre de Lyon, em ***O Livro dos Médiuns***, cap. XXXII – Vocabulário Espírita, resumidamente, disse: “Médium - (*Do latim - medium, meio, intermediário.*): *Pessoa que pode servir de medianeira entre os Espíritos e os homens*” (4).

Em que pese a origem dessa definição, entendemos que lhes falta abrangência, porquanto o conceito de médium, a nosso ver, não deveria se restringir apenas à relação entre os homens e os Espíritos desencarnados.

Por que estamos dizendo isso? Pelo simples

fato de que há, por exemplo, relatos de experiências com evocação de Espírito de pessoa viva, ocorridas em sessões da Sociedade Espírita de Paris, conforme se lê em alguns exemplares da *Revista Espírita* (5).

Podemos ainda ver esse fenômeno no cap. XXV de *O Livro dos Médiuns* o item 284, que trata exatamente da evocação de pessoas vivas. Julgamos que esses casos estariam fora da definição clássica, pois nela o termo “Espírito” refere-se aos já desencarnados.

Por outro lado, aceitando-se o que André Luiz narra, dando-nos notícias de reuniões mediúnicas no plano espiritual, nesse caso teríamos a existência dos Espíritos que são médiuns, que servem de intermediários a outros de esferas mais elevadas, às quais eles se encontram vinculados, conforme podemos apreender nas suas obras, situações também não contempladas na definição original.

Além disso, poderíamos destacar que a condição do médium ser ou servir de “intermediário” pode complicar um pouco a definição, haja vista, que é possível ele receber uma comunicação para si

mesmo, e aí, a rigor, não teríamos essa função, a não ser que aceitemos que, nesse caso, ele, o médium, esteja sendo intermediário para si mesmo, digamos assim, hipótese que aceitamos sem problema algum.

Ademais, uma pessoa que esteja recebendo a influência de Espíritos se não conseguir perceber este fato, como geralmente acontece nos casos de obsessão, não seria, segundo essas definições, propriamente um médium? Seria o quê, então?

Segundo nosso modo de ver, a conjuntura dos fatos nos recomenda ampliar o atual conceito visando dar-lhe uma abrangência maior, de forma que possa abrigar todos os casos.

Assim, poderíamos dizer, conforme a hipótese que, particularmente, abraçamos, que **“médium seria o Espírito, encarnado ou não, que consegue captar ou sentir o pensamento de um outro, pouco importando a condição desse outro estar num corpo ou fora dele”**. O único aspecto condicionante seria de não estarem, o emissor e o captador, no mesmo plano dimensional

em que o processo de comunicação habitual, entre os que nele se encontram, seja a transmissão de pensamento.

É certo que estamos avançando um pouco na definição, indo além do que consta nas obras da codificação, o que poderá causar espécie a alguns confrades; mas justificamos, lembrando o que, numa certa ocasião, conforme se vê na **Revista Espírita 1866**, Allan Kardec dizer:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão lhe colocar as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. (6)

Por outro lado, sabemos que o Codificador afirmou que *“a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito”* (7) o que viria a contradizer, em parte, o que estamos propondo; entretanto, se ampliarmos, nessa frase, o significado de Espírito para considerá-lo em qualquer situação, ou seja, encarnado ou desencarnado, aí, sim, ela se ajustaria plenamente ao conceito sugerido em nossa

hipótese.

Na obra de publicação da FEB intitulada ***Instrução Prática das Manifestações Espíritas*** (sic), cap. Vocabulário Espírita, lemos:

Mediunidade [do lat. *médium*, meio, intermediário, *-(i)dade*] – 1. **Faculdade que a quase totalidade das pessoas possuem, umas mais outras menos, de sentir a influência ou ensejarem a comunicação dos Espíritos.** Raros são os que não possuem rudimentos de mediunidade. 2. **Em alguns, essa faculdade é ostensiva** e necessita ser disciplinada, educada; **em outros, permanece latente**, podendo manifestar-se episódica e eventualmente (v. *Medianimidade*). ⁽⁸⁾ (grifo itálico do original)

Temos que tomar cuidado para não julgar que há pessoas que não têm mediunidade, uma vez que se coloca “*quase a totalidade*”, pois Allan Kardec, como se vê, fala de mediunidade, em dois sentidos: no amplo, todos nós a temos, e no restrito, os que a faculdade é evidente.

Da ***Revista Espírita 1861***, mês de fevereiro, há uma correspondência assinada pelo Sr. Canu, a

quem o Codificador designou de colega, da qual destacamos:

Cada um está apto a ser médium? Naturalmente assim deveria ser, em graus diferentes todavia, como com aptidões diversas; está aí a opinião do Sr. Kardec. [...].
(⁹)

A nosso ver, fica demonstrado que Allan Kardec tinha todos nós como médiuns, variando os graus e aptidões diversas.

4. A quem se deve qualificar de médium

A quem poderíamos, especificamente, qualificar como médium? Vamos dividir este capítulo em dois itens, visando destacar o que consta nas obras da Codificação do que podemos encontrar nos autores clássicos e modernos do Espiritismo, bem como as informações que têm origem mediúnica. Nosso objetivo é separar as fontes dessa pesquisa que estamos empreendendo.

4.1. Na codificação

Para elucidação, leiamos o que consta no cap. V - Dos Médiuns, da obra ***Instruções Práticas Sobre as Manifestações dos Espíritos***, publicada em janeiro de 1858, o que nos leva a concluir que é a primeira vez que Allan Kardec classifica os médiuns em dois tipos:

Toda pessoa que sofre de alguma maneira a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é

inerente ao homem e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo. Por essa razão raros são os indivíduos nos quais não se encontram ainda que simples rudimentos de mediunidade. **Pode-se, pois, dizer que todas ou quase todas as pessoas são médiuns.** Todavia, **no uso corrente, esta qualificação não se aplica senão àqueles nas quais a faculdade mediúnica é nitidamente caracterizada** e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende, então, de uma organização mais ou menos sensitiva. É preciso notar, além disto, que esta faculdade não se revela em todas as pessoas da mesma maneira. ⁽¹⁰⁾

Temos aqui então as explicações, com as quais se pode distinguir os dois sentidos do termo médium.

Podemos dizer que no **sentido amplo**, todos nós somos médiuns, já no **sentido restrito**, somente aqueles nos quais essa faculdade é evidente, a ponto de produzir os fenômenos de efeitos físicos ou de transmitir o pensamento dos Espíritos, ou seja, é um médium ostensivo.

Isso fica mais claro quando Allan Kardec trata novamente desse assunto no artigo “Escolhos dos Médiuns”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês

de fevereiro:

A mediunidade é uma faculdade múltíplice, e que apresenta uma variedade infinita de nuances em seus meios e em seus efeitos. **Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos.** Todavia, em seu uso ordinário, **essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande,** seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra. ⁽¹¹⁾

Em resumo, dessa transcrição, temos: médiuns **no sentido amplo**: todas as pessoas, enquanto que, médium **no sentido restrito** se refere aos que têm a mediunidade de forma ostensiva.

Esse entendimento é importante, pois em certos momentos Allan Kardec fala de médiuns no sentido restrito, só que alguns estudiosos querem entender no sentido amplo. Isso pode ser observado,

nesse mesmo artigo, onde um pouco mais à frente lemos:

[...] Nós o dissemos, em um outro artigo, **que não há necessidade de ser médium para estar sob a influência de maus Espíritos**, que agem nas sombras; com a faculdade mediúnica, o inimigo se mostra e se trai; sabe-se com quem se relaciona e pode-se combatê-lo; assim é que uma má comunicação pode tornar-se útil lição, sabendo-se aproveitá-la. ⁽¹²⁾

A expressão “*não há necessidade de ser médium para estar sobre influência dos Espíritos*”, certamente, está se referindo ao médium no sentido restrito.

De igual modo deve ser entendida este trecho de uma fala de Erasto, em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXII, item 236: “*É em suma, essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns*” ⁽¹³⁾.

De **O Livro dos Médiuns**, cap. XVI, itens 190 e 191, algumas das aptidões dos médiuns de efeitos

intelectuais:

Médiuns falantes: os que falam sob **a influência dos Espíritos**. Muito comuns.

Médiuns inspirados: aqueles a quem, quase sempre mau grado seu, **os Espíritos sugerem ideias**, quer relativa aos atos ordinários da vida, quer com relação aos grandes trabalhos da inteligência. [...].

Médiuns pintores ou desenhistas: os que pintam ou desenharam sob **a influência dos Espíritos**. [...].

Médiuns músicos: os que executam, compõem ou escrevem músicas, sob **a influência dos Espíritos**. [...].

Médiuns escreventes ou psicógrafos: os que têm a faculdade de escrever por si mesmos sob **a influência dos Espíritos**. ⁽¹⁴⁾

A última transcrição se refere a um dos modos de execução dos médiuns escreventes.

Comprova-se, portanto, que os médiuns “sofrem” influência dos Espíritos a ponto de se estabelecer uma comunicação. Assim, entendemos que os Espíritos influenciam a todos nós, ou seja, indistintamente, todos a sofremos. É nesse sentido que temos o médium no sentido amplo, mas quando

essa influência se transformar em uma comunicação, aí teremos algo característico do médium ostensivo, ou seja, médium no sentido restrito.

Para deixar tudo no lugar certo, vale a pena ressaltar o que Allan Kardec reafirma, mês de março, no artigo “Estudos sobre os médiuns”: *“Todo o mundo, dissemos, é mais ou menos médium; mas convencionou-se dar esse nome àqueles nos quais as manifestações são patentes, e, por assim dizer, facultativas”* (15).

Em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXI, item 244, se lê:

[...] Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde quando há homens; por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a humanidade. **A faculdade mediúnica não lhes é mais que um meio de se manifestarem.** Em falta dessa faculdade, fazem-no por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Seria, pois, erro crer-se que só por meio das comunicações escritas ou verbais exercem os Espíritos sua influência. **Esta influência é de todos os instantes e mesmo os que não se ocupam**

com os Espíritos, ou até não creem neles, estão expostos a sofrê-la, como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm com que a contrabalancem. **A mediunidade é, para o Espírito, um meio de se fazer conhecido**. Se ele é mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja. Pode, pois, dizer-se que a mediunidade permite se veja o inimigo face a face, se assim nos podemos exprimir, e combatê-lo com suas próprias armas. Sem essa faculdade, ele age na sombra e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer e faz realmente muito mal. ⁽¹⁶⁾

Lembrando, a mediunidade é a *“faculdade que a quase totalidade das pessoas possuem, umas mais outras menos, **de sentir a influência ou ensejarem a comunicação dos Espíritos**”* ⁽¹⁷⁾, ou seja, quem sente influência dos Espíritos é também médium só que no sentido amplo. No restrito somente os que *“ensejarem a comunicação dos Espíritos”*.

Cumpre-nos informar que a citação do livro *Instruções Práticas Sobre as Manifestações dos Espíritos*, transcrita um pouco mais acima ⁽¹⁸⁾, também consta de **O Livro dos Médiuns**, cap. XIV,

item 159, publicado em janeiro de 1861, que, como sabemos, veio em substituição àquele livro. Nele encontramos o texto nos seguintes termos:

Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. **Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada,** que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. [...].⁽¹⁹⁾

Nosso objetivo em colocar isso, foi para ressaltar que Allan Kardec, nessa sua nova fala, em vez de dizer *“todas ou quase todas as pessoas são médiuns”*, como consta da obra anterior, passou a afirmar que *“todos são mais ou menos médiuns”*, demonstrando agora que a variação se prende

apenas quanto a seu grau, caso não estejamos enganados em nossa maneira de perceber.

Ademais, sendo uma faculdade inerente ao homem, como sobejamente é afirmado, não há como não deduzir que todos a têm, daí, seguramente, poder-se dizer que todos nós somos médiuns.

Da afirmação inicial “*Toda pessoa que **sente** a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium*”, alguns confrades entendem que só é médium quem “sente” a influência dos Espíritos, e como nem todos nós a sentimos, então, concluem que nem todos são médiuns.

É oportuno informar que, como vimos, em outra oportunidade, Allan Kardec disse: “***Toda pessoa que sofre de alguma maneira a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium***” (20). Então, a ideia do “sentir” está em sofrer, passar, etc., não algo como se fosse uma exclusão, ao contrário, que vale para todos nós.

Quem estudou o tema verá que também existem as influências ocultas, por essa forma de pensar as pessoas que as sofrem não seriam

médiuns? Acreditamos que o caminho não é este.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de outubro, lemos:

Não foram os médiuns que criaram os Espíritos, estes existem de todos os tempos, e **em todos os tempos exerceram sua influência, salutar ou pernicioso, sobre os homens. Não há, pois, a necessidade de ser médium para isso.** A faculdade medianímica, para eles, não é senão um meio de se manifestarem; à falta dessa faculdade, fazem-no de mil outras maneiras. **Se esse jovem não fosse médium, não estaria menos sobre a influência desse mau Espírito** que, sem dúvida, tê-lo-ia feito cometer extravagâncias que não se poderiam atribuir a qualquer outra causa. ⁽²¹⁾

A afirmativa de que *“não há, pois, a necessidade de ser médium para isso”*, ou seja, ser médium ostensivo para receber a influência dos Espíritos, Allan Kardec está, sem dúvida, tratando do médium na forma restrita, o que nos leva a concluir, por conseguinte, que no sentido amplo todos nós o somos.

Encontramos ainda na **Revista Espírita 1858**,

especificamente, no mês de fevereiro, esta fala de Allan Kardec sobre o assunto:

Essa faculdade, como, aliás, já o dissemos, **não é um privilégio exclusivo; ela existe em estado latente, e em diversos graus, numa multidão de indivíduos**, não esperando senão uma ocasião para se desenvolver; **o princípio está em nós pelo próprio efeito da nossa organização; está na Natureza; todos nós temo-lo em germe**, e não está longe o dia em que **veremos os médiuns surgirem de todos os pontos**, no nosso meio, em nossas famílias, no pobre como no rico, a fim de que a verdade seja conhecida por todos, porque, segundo o que nos está anunciado, é uma nova era, uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas darão um novo curso às ideias morais, como o vapor deu um novo curso à indústria. ⁽²²⁾

Aqui, nos parece, que Allan Kardec, no mínimo, tem a todos nós como médiuns em potencial, ao dizer que “*ela existe em estado latente*” e “*o princípio está em nós*”, relacionando, desta forma, a mediunidade como sendo uma característica própria da Natureza humana.

Fato que, em outra fala, em **O Livro dos Médiuns**, cap. XIV, item 160, o Mestre de Lyon confirma: “*Conquanto inerente à espécie humana, conforme já dissemos, semelhante faculdade longe está de existir em todos no mesmo grau*” (23).

Percebemos que o Codificador foi claro ao dizer que é uma faculdade inerente ao homem, sem qualquer tipo de privilégio, concluindo, conforme consta em **O Livro dos Médiuns**, cap. XIV, item 159, que “*todos são mais ou menos médiuns*” (24), porquanto, segundo ele nos diz, todos nós recebemos influência dos espíritos, o que veremos um pouquinho mais à frente, quando citarmos a questão 459 e seguintes de *O Livro dos Espíritos*.

É bem provável que, em virtude disso, possamos ver a aplicação do que consta logo acima com isto que disse na Introdução de **O Livro dos Médiuns**:

Embora cada qual já traga em si mesmo os germes das qualidades necessárias, essas qualidades se apresentam em graus diversos, e o seu desenvolvimento depende

de causas estranhas à vontade humana. (25)

Na **Revista Espírita 1858**, mês de outubro, há o artigo “Teoria do móvel de nossas ações”, do qual transcrevemos:

TEORIA DO MÓVEL DE NOSSAS AÇÕES

O senhor R..., correspondente do Instituto de França, e um dos membros mais eminentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, desenvolveu as considerações seguintes: na sessão de 14 de setembro, como corolário da teoria que acabara de ser dada a propósito do mal do medo, e que narramos mais acima:

“Resulta de todas as comunicações que são dadas pelos Espíritos, que **eles exercem uma influência direta sobre as nossas ações, em nos solicitando, uns ao bem, os outros ao mal.** São Luís acabou de nos dizer: ‘Os Espíritos malignos gostam de rir; mantende-vos em guarda; aquele que crê dizer uma coisa agradável às pessoas que o cercam, aquele que diverte uma sociedade por seus gracejos ou seus atos, se engana frequentemente, e mesmo muito frequentemente, quando crê que tudo isso vem de si. Os Espíritos levianos que o cercam se identificam com ele mesmo, e, com frequência, alternativamente o enganam

sobre seus próprios pensamentos, assim como àqueles que o escutam.’ **Disso se segue que aquilo que dizemos não vem sempre de nós; que, com frequência, não somos, como os médiuns falantes, senão intérpretes do pensamento de um Espírito estranho que se identifica com o nosso.** Os fatos vêm em apoio dessa teoria, e provam que, muito a miúdo, também nossos atos são a consequência desse pensamento que nos é sugerido. O homem que faz mal cede, pois, a uma sugestão, quando ele é bastante fraco para não resistir, e quando **fecha os ouvidos à voz da consciência, que pode ser a sua própria, ou a de um bom Espírito que combate nele**, pelas suas advertências, a influência de um mau Espírito.

“Segundo a doutrina vulgar, o homem hauriria todos os seus instintos em si mesmo; proviriam seja de sua organização física, da qual não poderia ser responsável, seja de sua própria natureza, na qual pode procurar uma desculpa aos seus próprios olhos, dizendo que isso não é sua falta, se assim acreditou. A Doutrina Espírita, evidentemente, é mais moral; ela admite no homem o livre arbítrio em toda a sua plenitude; dizendo-lhe que se faz mal, cede a má sugestão estranha, disso deixa-lhe toda a responsabilidade, uma vez que lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse que lutar contra a sua própria natureza.

Assim, segundo a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre fechar o ouvido à voz oculta que o solicita ao mal, em seu foro interior, como pode fechar à voz material daquele que lhe fala; ele o pode por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária, e reclamando, para esse fim, a assistência dos bons Espíritos. E o que Jesus nos ensina na sublime prece do *Pater*, quando nos leva a dizer: 'Não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal.'”

Quando tomamos para texto de uma de nossas perguntas a pequena anedota que reportamos, não esperávamos o desenvolvimento que dela iria decorrer. Com isso estamos duplamente feliz, **pelas belas palavras que nos valeram de São Luís e de nosso honorável colega**. Se não estivéssemos edificados, desde há muito tempo, **quanto à capacidade deste último, e quanto aos seus profundos conhecimentos em matéria de Espiritismo**, estaríamos tentados a crer fora dele mesmo, aplicação de sua teoria, e que São Luís dela se serviu para completar seu ensinamento. **A ela iremos juntar nossas próprias reflexões:**

Essa teoria da causa excitante de nossos atos, evidentemente, ressalta de todo ensinamento dado pelos Espíritos; não só ela é sublime em moralidade, mas acrescentaremos que reabilita o homem aos

seus próprios olhos; mostra-o livre para sacudir um jugo obsessor, como é livre para fechar sua casa aos importunes: não é mais uma máquina agindo por um impulso independente de sua vontade, é um ser de razão, que escuta, que julga e que escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, apesar disso, o homem não é privado de sua iniciativa; não age menos com seu próprio movimento, uma vez que definitivamente não é senão um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corpóreo, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito. As faltas que cometemos têm, pois, sua fonte primeira nas imperfeições de nosso próprio Espírito, que não atingiu ainda a superioridade moral que terá um dia, mas que não tem menos seu livre arbítrio; a vida corpórea lhe é dada para se purgar de suas imperfeições pelas provas que sofre, e **são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que disso se aproveitam para tratarem de fazê-lo sucumbir na luta que empreende.** Se sai vencedor dessa luta, ele se eleva; se fracassa, fica o que era, nem mais mau, fíem melhor, é uma prova para recomeçar, e isso pode durar muito tempo assim. Quanto mais se depura, mais seus lados fracos diminuem, e menos se entrega àqueles que o solicitam ao mal; **sua força moral cresce em razão de sua elevação, e os maus Espíritos dele**

se afastam.

Quais são, pois, esses maus Espíritos? São os que se chamam os demônios? Não são demônios na acepção vulgar da palavra, porque se entende por aí uma classe de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal. Ora, os Espíritos nos dizem que todos melhoram em um tempo mais ou menos longo, segundo sua vontade; mas enquanto são imperfeitos podem fazer o mal, como a água que não está depurada pode espalhar miasmas pútridos e mórbidos. No estado de encarnação, depuram-se se fazem o que é preciso para isso; no estado de Espíritos, sofrem as consequências do que fizeram ou não fizeram para se melhorarem, consequências que sofrem também na Terra, uma vez que as vicissitudes da vida, ao mesmo tempo, são expiações e provas. Todos esses Espíritos, mais ou menos bons, quando estão encarnados, constituem a espécie humana, e, como a nossa Terra é um dos mundos menos avançados, nela se encontram mais maus Espíritos do que bons, eis porque nela vemos tanto de perversidade. Façamos, pois, todos nossos esforços para não voltarmos depois desta estação, e para merecermos ir repousarmos num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina sem divisão, e onde não nos lembraremos de nossa passagem neste mundo senão como um sonho mau. ⁽²⁶⁾

Entendemos, que se, de fato, “*não somos, como os médiuns falantes, senão intérpretes do pensamento de um Espírito estranho que se identifica com o nosso*”, então fica evidente que todos nós, encarnados em um planeta de provas e expiações, estamos sujeitos à influência dos Espíritos, especialmente, os maus, porquanto, ainda não somos moralmente tão elevados para não sofrer a influência deles.

De uma das respostas de São Luís no artigo “Sobre o suicídio”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de novembro, destacamos o seguinte trecho:

[...] **O homem [...] está sempre assistido por Espíritos que o conduzem e o dirigem com o seu desconhecimento**; ora, procurar ir contra os seus conselhos é um crime, uma vez que aí **estão colocados para nos dirigir**, e que esses bons Espíritos, quando queremos agir por nós mesmos, **aí estão para nos ajudar**. [...]. ⁽²⁷⁾

Ainda que não os sintamos à nossa volta, a ação deles é incontestável, quer nos intuindo para o

melhor caminho, quer fazendo outras pessoas de intermediárias de seus conselhos.

Em **O Que é o Espiritismo**, publicado em julho de 1859, numa de suas respostas ao céptico, Allan Kardec disse-lhe:

Além disso, **os médiuns são muito numerosos e é raríssimo, quando não o sejam, não se encontrar algum em qualquer dos membros de nossa família, ou nas pessoas que nos cercam.**

O sexo, a idade e o temperamento são indiferentes: eles aparecem entre os homens e mulheres, entre crianças, velhos, doentes e pessoas sadias. ⁽²⁸⁾

Vemos, nesse ponto, que Allan Kardec está tratando o fato de “ser médium” no sentido restrito, dizendo que, na hipótese de não sermos médiuns no sentido restrito, é raríssimo não encontrarmos um à nossa volta.

Isso que nos faz acreditar que o Codificador, de forma direta, reafirma a questão de todos nós sermos médiuns, variando apenas a intensidade em que a mediunidade aflora em cada um de nós, seres

humanos encarnados. É o que também concluímos desse texto publicado na **Revista Espírita 1859**:

Nossa alma que não é, em definitivo, senão um Espírito encarnado, **não é menos Espírito; se está momentaneamente revestida de um envoltório material, suas relações com o mundo incorpóreo, embora menos fáceis que no estado de liberdade, não são interrompidas por isso de maneira absoluta**; o pensamento é laço que nos une aos Espíritos, e por esse pensamento atraímos aqueles que simpatizam com as nossas ideias e nossas tendências. ⁽²⁹⁾

Ressalte-se que, pelo fato de estarmos encarnados, não há empecilho para que tenhamos relações com os Espíritos, decorrente, segundo acreditamos, exatamente da circunstância de todos nós sermos médiuns. Ou estamos indo além do sentido que se pode tirar desse texto?

Um pouquinho mais à frente, na **Revista Espírita 1859**, lemos:

Estas considerações nos conduzem naturalmente à questão dos médiuns. **Estes**

últimos estão, como todo o mundo, submetidos à influência oculta dos Espíritos bons ou maus; eles os atraem ou os repelem segundo as simpatias de seu espírito pessoal, e os Espíritos maus se aproveitam de todo defeito, como de uma falta de couraça para se introduzirem junto deles e se imiscuírem, com seu desconhecimento, em todos os atos de sua vida particular. ⁽³⁰⁾

Observamos que Allan Kardec aqui reafirma que todo mundo está submetido à influência oculta dos Espíritos bons ou maus, razão pela qual deduzimos que, sob este aspecto, todos nós somos médiuns para que isso aconteça.

No capítulo II - Noções elementares de Espiritismo de **O Que é o Espiritismo**, há uma consideração que, se não tomarmos a mediunidade no sentido restrito, parecerá uma contradição de Allan Kardec:

76. Um fato importante a considerar-se é que a obsessão, qualquer que seja a sua natureza, é independente da mediunidade, e que ela se encontra, de todos os graus, principalmente do último, em grande número

de pessoas que nunca ouviram falar de Espiritismo.

De fato, os Espíritos, tendo existido em todos os tempos, têm sempre exercido a mesma influência; **a mediunidade não é uma causa**, mas simples modo de manifestação dessa influência; pelo que podemos dizer com certeza que todo médium obsidiado sofre de um modo qualquer e, muitas vezes, nos atos mais comuns da sua vida, os efeitos dessa influência que, **sem a mediunidade, se manifestaria por outros efeitos, muitas vezes atribuídos a enfermidades misteriosas, que escapam às investigações da Medicina.** Pela mediunidade o ente maléfico denuncia a sua presença; sem ela, é um inimigo oculto, de quem se não desconfia. ⁽³¹⁾

Allan Kardec, como vimos, afirmou que ***“Médium é toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Essa faculdade é inerente ao homem”*** ⁽³²⁾. Dai entendermos que a explicação acima só é coerente se tomarmos da mediunidade no seu sentido restrito.

Essa visão abrangente é o que, também, podemos encontrar em Channing, que, numa mensagem intitulada “Sobre os Médiuns”, registrada

em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXXI – Dissertações Espíritas, disse:

Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando eles sabem escutá-lo. Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial, quer outros só o escutem pela voz interna do coração e da mente. Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência, será sempre uma voz que responde à vossa alma, dizendo-vos boas palavras. Acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. [...] Ouvi pois essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a **ouvir o vosso anjo guardião** que vos estende a mão do alto do céu. Repito, a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos bons. **E é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns.** ⁽³³⁾

Pelo fato de todos nós termos um Espírito, que nos dirige para o bem, ao qual denominamos de “anjo guardião” ou “anjo da guarda”, se vê que o Espírito, autor dessa mensagem, considera a todos nós como sendo médiuns; dando, aos que o são de

forma ostensiva, a condição de possuírem “*uma mediunidade especial*”, o que significa apenas tê-la em um grau maior.

A notícia sobre o anjo de guarda nos é dada em *O Livro dos Espíritos*, nas questões 489 a 492, que, mais à frente, iremos transcrevê-las. ⁽³⁴⁾

Em ***O Céu e o Inferno***, confirma-se que todos nós temos um anjo de guarda, cuja influência sobre nós é quase sempre oculta:

Quaisquer que sejam a inferioridade e perversidade dos Espíritos, *Deus jamais os abandona. Todos têm seu anjo de guarda (guia) que por eles vela, na persuasão de suscitar-lhes bons pensamentos*, desejos de progredir e, bem assim, de espreitar-lhes os movimentos da alma, como que se esforçam por reparar em uma nova existência o mal que praticaram. Contudo, **essa interferência do guia faz-se quase sempre ocultamente** e de modo a não haver pressão, pois que o Espírito deve progredir por *impulso da própria vontade*, nunca por qualquer sujeição. ⁽³⁵⁾

Quanto à expressão “*raras são as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar*” ⁽³⁶⁾, citada um pouco atrás na mensagem de

Channing, não entendemos que, por isso, existem pessoas que não a tenha.

Entendemos, como sendo uma maneira de dizer que, mesmo que seja com alguns rudimentos, ninguém a deixa de ter, pois a afirmativa posterior de que “*todos os homens são médiuns*” parece-nos ser mais forte e, cremos, seja a intenção final de sua afirmação, a qual poderemos corroborar com outra fala do Codificador, constante de **O Livro dos Médiuns**, cap. XV, item 182, quando diz sobre os médiuns inspirados:

Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas ideias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados. Trata-se de uma variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais difícil de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade. ⁽³⁷⁾

A tradução de **O Livro dos Médiuns** que

utilizamos para a transcrição do item 182, foi a do professor e jornalista José Herculano Pires (1914-1979), essa é a razão de acharmos interessante colocar a nota de rodapé que ele apôs sobre essa fala de Allan Kardec:

Nunca prestamos a devida atenção aos nossos processos mentais. Kardec nos oferece neste livro, como repete no período acima, uma regra de ouro nesse sentido. A **psicologia** materialista vai hoje se aproximando desse princípio, **graças às pesquisas no campo da telepatia**. Embora ainda não considere o pensamento dos Espíritos, **já admite que recebemos constantemente pensamentos alheios**. A observação permite-nos dividir perfeitamente o pensamento que produzimos aos poucos em nossa mente dos que nos são sugeridos.
(³⁸)

Após esse nosso destaque, voltemos às explicações o item 182, cap. XV de **O Livro dos Médiuns**, continuando a transcrição:

Recebemos a inspiração dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal. Mas ela é principalmente a ajuda dos

que desejam o nosso bem, e cujos conselhos rejeitamos com muita frequência. Aplica-se a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. **Nesse sentido pode-se dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha os seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos.** Se todos estivessem compenetrados dessa verdade, com mais frequência se recorreria à inspiração do anjo guardião, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou fazer.

Que se invoque o Espírito protetor com *fervor e confiança*, nos casos de necessidade, e mais assiduamente se admirará das ideias que surgirão como por encanto, seja para auxiliar numa decisão ou em alguma coisa a fazer. Se nenhuma ideia surgir imediatamente, é que se deve esperar. [...]. ⁽³⁹⁾

É interessante que muitas vezes comentávamos que, pelo fato de termos, cada um de nós, um anjo de guarda, que sempre nos acompanha, todos nós deveríamos ser considerados médiuns, pela condição de podermos receber seus conselhos.

Esse nosso pensamento não é diferente do que

aqui se coloca ou do que consta nas obras *O Livro dos Médiuns* e *O Céu e o Inferno*. Provavelmente, dizíamos isso, porque vinha à nossa mente o que lêramos nelas, fato que tira qualquer pretensão de nossa parte em ser o autor dessa ideia.

É oportuno mencionarmos o item 183, cap. XV de ***O Livro dos Médiuns***, continuando a transcrição que estávamos fazendo:

Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgam capazes é que **os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são médiuns sem o saberem**. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração não faz mais do que uma evocação. [...]. As respostas seguintes confirmam esta asserção:

a) ***Qual a causa primária da inspiração?***

“O Espírito que se comunica pelo pensamento.” ⁽⁴⁰⁾

Bem interessante é a afirmação de que os grandes gênios, muitas vezes, são inspirados por Espíritos mais adiantados que encontram neles capacidade de transmissão de suas ideias.

Ademais, a afirmação de que a causa primária da inspiração é a de um Espírito que se comunica pelo pensamento, deixa bem claro que todas as pessoas inspiradas captam pensamentos dos Espíritos, logo, são médiuns ainda que não saibam disso.

Em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXVI, item 291, em nota sobre os Espíritos protetores, explica Allan Kardec:

Os nossos Espíritos protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, [...] nos aconselham, mas quase sempre nos deixam entregues às nossas próprias forças, como faz o educador hábil, com seus alunos. **Nas circunstâncias ordinárias da vida, eles nos aconselham pela inspiração**, deixando-nos assim todo o mérito do bem que façamos, como toda a responsabilidade do mal que pratiquemos.

(⁴¹)

Certamente que esse aconselhamento pela inspiração é uma influência oculta que, como visto, todos nós estamos sujeitos, logo, todos somos médiuns.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de março, Allan Kardec publica uma carta com algumas orientações que enviara a seus correspondentes, da qual destacamos o seguinte trecho:

De resto, os médiuns se multiplicam cada dia e **é muito raro não encontrá-los em sua família ou entre seus conhecidos, se não se é em si mesmo**, o que é sempre preferível para as coisas íntimas; não se trata senão **de tentar, em boas condições**, das quais a primeira é de se bem compenetrar, antes de qualquer tentativa, das instruções sobre a prática do Espiritismo, querendo-se poupar as decepções. ⁽⁴²⁾

Ao dizer *“é muito raro não encontrá-los em sua família ou entre seus conhecidos, se não se é em si mesmo”* Allan Kardec deixa evidente que, no sentido amplo, todos somos médiuns, e para saber se o somos no sentido restrito recomenda que se faça tentativa, ou seja, que se experimente *“em boas*

condições”.

Dos comentários de Allan Kardec, na **Revista Espírita 1863**, mês de janeiro, sobre os possesores de Morzine, transcrevemos o seguinte trecho:

[...] Pela natureza fluídica e expansão do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer agir, o cerca, o envolve, o penetra e o magnetiza. **O homem, vivendo no meio do mundo invisível, está incessantemente submetido a essas influências, como às da atmosfera que respira, e essa influência se traduz por efeitos morais e fisiológicos, dos quais não se dá conta, e que atribui, frequentemente, a causas inteiramente contrárias.** Esta influência difere naturalmente, segundo as qualidades boas ou más do Espírito, assim como explicamos no nosso precedente artigo. Este é bom e benevolente, a influência, ou querendo-se, a impressão, é agradável, salutar: é como as carícias de uma terna mãe que enlaça seu filho nos braços; se for mau e malevolente, ela é dura, penosa, ansiosa e, às vezes, malfazeja: ela não abraça, oprime. **Vivemos nesse oceano fluídico, incessantemente expostos às correntes contrárias, que atraímos, que repelimos, ou às quais nos entregamos,** conforme as nossas qualidades pessoais, mas no meio das quais os homens

conservam sempre seu livre arbítrio, atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o seu caminho.

Isto, como se vê, é completamente independente da faculdade medianímica tal como é concebida vulgarmente. A ação do mundo invisível, estando na ordem das coisas naturais, se exerce sobre o homem, abstração feita de todo conhecimento espírita; a ela se está submetido como se o está à influência da eletricidade atmosférica, sem saber a física, como estar doente, sem saber a medicina. [...].

Todo indivíduo que sofre, de um modo qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium; mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa, que se chega a constatar a existência do mundo invisível, e pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, que se pôde esclarecer sobre a qualidade dos seres que a compõem, e sobre o papel que eles desempenham na Natureza; o médium fez pelo mundo invisível o que o microscópio fez pelo mundo dos infinitamente pequenos. ⁽⁴³⁾

Na verdade, por estarmos em meio a um “mar de Espíritos” ou “*oceano fluídico*”, ninguém lhes escapa da influência, seja ela a dos bons ou a dos

maus, motivo pelo qual Allan Kardec concluiu: “isto, como se vê, é completamente independente da faculdade medianímica tal como é concebida vulgarmente”; ou seja, a questão do médium no sentido restrito reafirma, ao que nos parece, o fato de todos nós sermos médiuns no sentido amplo.

Vejamos agora as questões de **O Livro dos Espíritos**, do capítulo IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corporal, constante de dois tópicos, nas quais encontraremos algumas coisas que vêm apoiar a nossa conclusão:

a) **Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos**

459. *Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?*

“Muito mais do que imaginais, pois frequentemente **são eles que vos dirigem.**”

460. *Além dos pensamentos que nos são próprios, haverá outros que nos sejam sugeridos?*

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que **muitos pensamentos vos ocorrem ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto e, frequentemente, bastante contraditórios.** Pois bem! **Neles há sempre**

um pouco de vós e um pouco de nós, e é isso que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas ideias que se combatem.”

461. *Como distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?*

“Quando um pensamento vos é sugerido, é como uma voz que vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que vos ocorrem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção, e muitas vezes é útil não sabê-la: o homem age mais livremente. [...]”

O teor dessas três questões que destacamos do tópico, delinea, claramente, que a influência dos Espíritos é abrangente, ou seja, todo mundo a sente ou sofre e não somente os ditos médiuns ostensivos.

b) Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares e simpáticos

489. *Há Espíritos que se ligam particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*

“Sim, o irmão espiritual. É o que chamais o *Espírito bom* ou o *gênio bom*.”

490. *Que se deve entender por anjo de guarda?*

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. *Qual a missão do Espírito protetor?*

“A de um pai com relação aos filhos: **conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas aflições e encorajá-lo nas provas da vida.**”

492. *O Espírito protetor liga-se ao indivíduo desde o seu nascimento?*

“Desde o nascimento até a morte. Muitas vezes ele o segue após a morte, na vida espiritual, e mesmo por intermédio de muitas existências corpóreas, já que tais existências não passam de fases bem curtas da vida do Espírito.” ⁽⁴⁴⁾

Se há um Espírito protetor ou anjo da guarda se liga a cada um de nós, e com sua influência oculta nos ajuda a progredir moralmente, é, por demais, óbvio que temos que nos comunicar com eles de alguma sorte, o que nos faz todos médiuns.

Continuando nesse tópico, ainda acrescentaremos as seguintes questões:

501. *Por que é **oculta a ação dos***

Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo?

“Se contásseis com o amparo deles, não agiríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. O Espírito precisa de experiência para adiantar-se, experiência que, na maioria das vezes, deve ser adquirida à sua custa. É necessário que exercite suas forças, pois, do contrário, seria como uma criança a quem não permitem que ande sozinha. **A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a não tolher o vosso livre-arbítrio**, visto que, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis no caminho que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se entrega às suas próprias forças; seu guia, entretanto, vela por ele e, de vez em quando, o adverte, alto e bom som, do perigo.”

502. O Espírito protetor que consegue trazer ao bom caminho o seu protegido lucra algum bem com isso?

“É um mérito que lhe será levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade. **Sente-se feliz quando vê que seus esforços são bem-sucedidos**; é uma vitória para ele, assim como um professor se sente vitorioso pelo sucesso de seu aluno.”

502-a. *É responsável quando não*

consegue bons resultados?

“Não, pois fez o que dependia dele.”

503. O Espírito protetor que vê o seu protegido seguir o mau caminho, apesar dos conselhos que lhe dá, sofre com isso? Esse fato não constitui motivo de perturbação para a sua felicidade?

“Sofre com os erros de seu protegido e os lamenta, embora essa aflição nada tenha das angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e o que não se faz hoje, amanhã se fará.” ⁽⁴⁵⁾

Podemos observar que a ação do anjo da guarda sobre cada um de nós é semelhante à de um professor que se alegra com os acertos de seu aluno, como também se entristece com seus equívocos. E como não há ninguém que não tenha seu anjo da guarda, ao nos comunicarmos com ele, o faremos pela faculdade mediúnica, ainda que oculta e não ostensiva como ocorre com algumas pessoas.

Portanto, as abordagens desses dois tópicos, relativas a intervenção dos Espíritos no mundo, se referem a todos nós, sem nenhuma exceção; e se todo aquele que sofre algum tipo de influência dos

Espíritos é médium, então a única alternativa, que se nos apresenta, de forma até insofismável, é a de concluir que todos nós somos médiuns, pois, na face da Terra, não existe quem não sofra as suas consequências, ainda que de forma oculta.

Em **O Livro dos Espíritos**, cap. IX - Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, no tópico “Pressentimentos”, temos as seguintes questões:

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

“É o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. [...]”

523. Os pressentimentos e a voz do instinto têm sempre qualquer coisa de vago. Na incerteza, o que devemos fazer?

“Quando estiveres em dúvida, invoca o teu Espírito bom ou pede a Deus, Senhor de todos os seres, para que te envie um de seus mensageiros, um de nós.”

524. Os conselhos de nossos Espíritos protetores têm como finalidade única a nossa conduta moral ou também a conduta

que devemos adotar em relação aos assuntos da vida particular?

“Tudo. Eles tentam fazer que vivais o melhor possível. **Quase sempre, porém, fechais os ouvidos aos conselhos salutareis e vos tornais infelizes por vossa culpa.**” (46)

Aqui também vemos a influência dos Espíritos de forma genérica, atingindo a todos nós, e não especificamente aqueles nos quais a mediunidade é ostensiva.

Não podemos deixar de ressaltar o comentário de Allan Kardec à questão 524:

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência, que fazem ressoar em nosso íntimo. Como, porém, nem sempre ligamos a isso a devida importância, **outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam.** Examine cada um as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos de que se não aproveitou e que lhe teriam poupado muitos desgostos, se os houvera escutado. (47)

Fantástica a informação de que se não dermos ouvidos aos nossos Espíritos protetores, eles servem-se de pessoas que nos cercam para nos transmitir seus conselhos. E aí, quem não é médium mesmo?

Ora, se a função dos Espíritos protetores é ajudar-nos visando o nosso progresso espiritual, não haverá outra forma para ele, o nosso Espírito protetor, fazer isso senão exercendo a sua influência sobre nós: diretamente nos intuindo ou, como visto, através de outras pessoas.

Sobre esse ponto, novamente, vejamos, na **Revista Espírita 1858**, o que disse o Espírito São Luís, por intermédio do senhor C..., médium falante e vidente, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sessão do dia 12 de outubro de 1858, quando esclarecia sobre o suicídio:

[...] **O homem** deve seguir o impulso que lhe é dado; qualquer que seja a carreira que abrace, qualquer que seja a vida que conduza, **está sempre assistido por Espíritos que o conduzem e o dirigem com o seu desconhecimento; ora, procurar ir contra os seus conselhos é um crime, uma vez que aí estão colocados**

para nos dirigir, e que esses bons Espíritos, quando queremos agir por nós mesmos, aí estão para nos ajudar. [...].

[...] Quando eu disse que o homem impelido ao suicídio, estava cercado de Espíritos que o solicitavam a isso, não falei dos bons Espíritos que fazem todos os esforços para disso desviá-lo; deveria estar subentendido; **todos sabemos que temos um Anjo guardião, ou, se preferis, um guia familiar.** Ora, o homem tem seu livre arbítrio; se, apesar dos bons conselhos que lhe são dados, persevera nessa ideia que é um crime, ele a cumpre e **é ajudado nisso pelos Espíritos levianos e impuros que o cercam,** que ficam felizes em verem que ao homem, ou Espírito encarnado, também **lhe falta coragem para seguir os conselhos de seu bom guia, e, frequentemente, do Espírito de seus parentes mortos que o cercam, sobretudo em circunstâncias semelhantes.** ⁽⁴⁸⁾

Podemos ainda corroborar essa afirmativa com um trecho que consta da instrução dos Espíritos na questão 495, de ***O Livro dos Espíritos***, assinada conjuntamente pelos Espíritos São Luís e Santo Agostinho. Leiamos-la:

[...] Cada anjo da guarda tem o seu

protegido, pelo qual vela, como o pai vela pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando seus conselhos são ignorados.

Não temais fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai sempre estar em relação conosco, pois assim sereis mais fortes e mais felizes. **São essas comunicações de cada homem com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem limites, para rechaçar a incredulidade e a ignorância. [...].** ⁽⁴⁹⁾

Clara é a posição desses dois espíritos, que participaram ativamente da codificação Espírita, com base na qual, imaginamos, Allan Kardec tenha formado a sua opinião, para dizer que *“todos nós somos médiuns”*.

Porém, se a compararmos com o que disse Erasto aí a coisa fica um pouco complicada; vejamos: *“É, de resto, essa possibilidade de rejeição, própria da matéria, que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade na maioria dos que não são médiuns”* ⁽⁵⁰⁾.

Para resolver o impasse, pois por aqui se tem a ideia de que nem todos são médiuns, deveremos tomar a sua explicação para tê-la no sentido restrito, não valendo, portanto, para aqueles que são médiuns no sentido amplo. Isso o fazemos, apoiando-nos em Allan Kardec.

Vejamos a mensagem intitulada “Mediunidade da Infância”, recebida na Sociedade de Paris, 6 de janeiro de 1865, pelo médium, Sr. Delanne e assinada por Um Espírito protetor, publicada na ***Revista Espírita 1865***, mês de fevereiro:

Quando, **depois de ter sido preparado pelo anjo guardião, o Espírito que vem se encarnar, quer dizer, sofrer novas provas tendo em vista o seu adiantamento,** começam então a se estabelecer os laços misteriosos que o unem ao corpo para manifestar sua ação terrestre. Aí está todo um estudo, sobre o qual não me estenderei; mas não vos falaria senão do papel e da disposição do Espírito durante o período da infância no berço.

A ação do Espírito sobre a matéria, nesse tempo de vegetação corpórea, é pouco sensível. Também os guias espirituais se apressam em se aproveitarem desses instantes, em que a parte carnal não obriga a

participação inteligente do Espírito, a fim de preparar este último, de encorajá-lo nas boas resoluções das quais sua alma está impregnada.

É nesses momentos de desligamento que o Espírito, todo em saindo da perturbação em que teve que passar por sua encarnação presente, compreende e se lembra dos compromissos que contraiu para o seu adiantamento moral. É então que os Espíritos protetores vos assistem, e vos ajudam a vos reconhecer. Também, estudai a figura da criancinha que dorme; vós a vedes frequentemente “sorrir aos anjos”, como se diz vulgarmente, expressão mais justa do que se pensa. Com efeito, ela sorri aos Espíritos que a cercam e devem guiá-la.

Vede-a desperta, essa cara criança; ora ela olha fixamente: parece reconhecer os seres amigos; ora balbucia as palavras, e seus gestos alegres parecem se dirigir aos rostos amados; e como Deus jamais abandona as suas criaturas, esses mesmos **Espíritos lhe dão, mais tarde, boas e salutarens instruções, seja durante o sono, seja por inspiração no estado de vigília. Daí podeis ver que todos os homens possuem, ao menos no estado de germe, o dom da mediunidade.**

A infância propriamente dita é uma longa sucessão de efeitos medianímicos, e se as crianças um pouco mais avançadas em idade, quando o Espírito adquiriu mais

força, às vezes não temem as imagens das primeiras horas, poderíeis constatar muito melhor esses efeitos.

Continuai a estudar e, a cada dia, como grandes crianças, a vossa instrução crescerá, se não vos obstinardes em fechar os olhos sobre o que vos cerca.

UM ESPÍRITO PROTETOR. ⁽⁵¹⁾

A conclusão é de que *“dai podeis ver que todos os homens possuem, ao menos no estado de germe, o dom da mediunidade”*. Ficando mais evidente, essa generalização, quando foi dito que *“A infância propriamente dita é uma longa sucessão de efeitos medianímicos”*.

Retornando ao cap. IX - Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo de **O Livro dos Espíritos**, para destacar do tópico “Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida”, estas duas questões:

525. **Os Espíritos** exercem alguma influência nos acontecimentos da vida?

“Certamente, pois que **vos aconselham.**”

525-a. *Exercem essa influência de outra*

forma, além dos pensamentos que sugerem, isto é, atuam diretamente sobre a realização das coisas?

“Sim, mas nunca agem fora das Leis da Natureza.”

Comentário de Allan Kardec:

Imaginamos erroneamente que a ação dos Espíritos só se deva manifestar por fenômenos extraordinários. Gostaríamos que nos viessem ajudar por meio de milagres e sempre os representamos armados de uma varinha mágica. Mas não é assim, razão por que nos parece oculta a sua intervenção e muito natural o que se faz com o concurso deles. Assim é que, **provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que julgarão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar;** chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles atuam de tal modo que o homem, acreditando seguir apenas o próprio impulso, conserva sempre o seu livre-arbítrio. ⁽⁵²⁾

Ora, a influência dos Espíritos, com seus aconselhamentos e suas inspirações, não é restringida somente aos médiuns, é algo que todo mundo está sujeito. Fato que novamente nos remete à conclusão de que todos somos médiuns.

Vejamos o seguinte trecho do 2º parágrafo da resposta dos Espíritos à questão 532 de **O Livro dos Espíritos**:

[...] Deus vos deu inteligência para que vos sirvais dela e é principalmente por meio da vossa inteligência que **os Espíritos vos auxiliam, sugerindo-vos pensamentos favoráveis**. Mas só assistem os que sabem assistir-se a si mesmos. Esse o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e se vos abrirá. ⁽⁵³⁾

Os pensamentos favoráveis que os Espíritos nos sugerem são, sem dúvida, as inspirações que todos nós temos, em variados momentos de nossas vidas, fato que não há como negar.

Da mensagem intitulada “As ideias preconcebidas”, assinada por Pascal, publicada na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, destacamos o seguinte trecho:

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a ativar o espírito do médium dando-lhe o que chamais a verve da composição; [...].

[...].

Quereis saber de onde vêm os dois elementos **da inspiração medianímica**? A resposta é fácil: **a ideia vem do mundo extraterrestre, é a inspiração própria do Espírito**. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos em vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação; algumas vezes nós o emprestamos do próprio inspirado quando é dotado de uma certa força fluídica (ou medianímica, como a chamais), o mais frequentemente o emprestamos às suas companhias na emanação de benevolência da qual está mais ou menos cercado. É por isto que se pode dizer, com razão, que a simpatia torna eloquente. ⁽⁵⁴⁾

A fonte da inspiração medianímica é um Espírito desencarnado, especificamos para não deixar dúvida. E como não há quem não a tem, podemos, mais uma vez, reafirmar que todos nós somos médiuns.

Na **Revista Espírita 1865**, ainda no mês de maio, encontramos uma mensagem intitulada *Estudo sobre a mediunidade*, assinada por Georges, na qual esse Espírito diz:

A mediunidade é uma faculdade inerente à natureza do homem; não é nenhuma exceção nem um favor, ela faz parte do grande conjunto humano, e, como tal, está sujeita às variações físicas e às desigualdades morais; sofre o dualismo temível do instinto e da inteligência; possui seus gênios, sua multidão e seus monstros.
(⁵⁵)

Confirma a mediunidade como uma faculdade que faz parte da natureza do homem, sem que haja qualquer tipo de exceção. Como se observa no que já transcrevemos, essa afirmativa foi, repetidas vezes, sendo enfatizada, fato que ainda se verá.

Ainda na **Revista Espírita 1866**, Allan Kardec analisa um artigo extraído do jornal *la Discussion*, de Bruxelas (Bélgica) assinado por A. Briquel, do qual transcrevemos:

Os médiuns são dotados de uma faculdade natural que os torna próprios para servirem de intermediários aos Espíritos e produzirem com eles os fenômenos que passam por milagres ou por prestidigitação aos olhos de quem lhes ignora a explicação. Mas a faculdade medianímica não é o privilégio exclusivo de certos

indivíduos; **ela é inerente à espécie humana, embora cada um a possua em graus diferentes, ou sob diferentes formas.** ⁽⁵⁶⁾

Pelas considerações elogiosas que o Codificador faz desse artigo, dizendo serem perfeitos os pontos nele abordados, concluímos que ele endossou tudo quanto foi dito, motivo pelo qual trouxemos esse trecho do artigo.

Ressaltamos a questão de ser inerente à espécie humana; portanto, todos nós a temos, variando apenas quanto ao grau e formas de sua manifestação, como já, por várias vezes, foi dito.

Outro artigo interessante é o intitulado *Mediunidade Mental*, constante da **Revista Espírita 1866**, no qual Allan Kardec comenta o que lhe escreveu um dos seus correspondentes de Milianah (Argélia), dessa forma:

Esta mediunidade, à qual damos o **nome de mediunidade mental**, por certo não é própria para convencer os incrédulos, porque nada tem de ostensiva, nem desses efeitos que chocam os sentidos; é toda para a

satisfação íntima de quem a possui. Mas também é preciso reconhecer que ela se presta muito à ilusão e que é o caso de desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, não se poderia pô-la em dúvida; pensamos mesmo que deve ser a mais frequente, porque **é considerável o número das pessoas que, em estado de vigília, sofrem a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento, que sentem não ser o seu.** A impressão agradável ou penosa que por vezes se sente à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; **a penetração e a transmissão do pensamento são outros tantos efeitos que se prendem à mesma causa e constituem uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, pois cada um lhe possui, ao menos, os rudimentos.** Mas para experimentar seus efeitos marcantes é necessário uma aptidão especial ou, melhor, um grau de sensibilidade mais ou menos desenvolvido conforme os indivíduos. **A esse título, como temos dito desde longo tempo, todos são médiuns, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber os salutareflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes.** Mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo o mundo obter efeitos idênticos e ostensivos. ⁽⁵⁷⁾ (itálico do original)

O que Allan Kardec está comentando aqui é sobre uma pessoa que captava os pensamentos do seu guia espiritual, quando em estado de emancipação. Descreve, inclusive, que, nessa situação, recebia até mesmo visitas de outros Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados, com os quais entabulava comunicação mental.

É a isso que ele denomina de mediunidade mental, assegurando que *“cada um lhe possui, ao menos, os rudimentos”* e, na sequência, reafirma que: *“como temos dito desde longo tempo, todos são médiuns, e Deus não deserdou ninguém”*.

Por outro lado, podemos também entender que Allan Kardec ao dizer sobre a questão de sentir *“para experimentar seus efeitos marcantes é necessário uma aptidão ou, melhor, um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido conforme os indivíduos”* ele está falando exatamente da condição do médium no sentido restrito, pois é nele que se observa um grau de sensibilidade mais desenvolvido, a ponto da influência ter um efeito marcante.

Da **Revista Espírita 1867**, mês de junho, o

Codificador publica o artigo “O sentido espiritual”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

O SENTIDO ESPIRITUAL.

Uma segunda carta do doutor Grégory contém o que segue:

“Erasto, numa comunicação, anunciou uma ideia que me tocou e me deu a refletir. O homem, disse ele, tem sete sentidos: os sentidos muito conhecidos da audição, do olfato, da visão, do gosto e do toque, e, além disto, o *sentido sonambúlico* e o *sentido medianímico*.”

“Acrescento a estas palavras que estes dois últimos sentidos não existem senão por exceção suficientemente desenvolvidos em algumas naturezas privilegiadas, em caso que existem em todo homem no estado rudimentar. Ora, está em mim uma convicção adquirida por mais de uma observação e por uma muito longa experiência das forças homeopáticas, é que nossos medicamentos bem escolhidos, tomados por longo tempo, podem desenvolver essas duas admiráveis faculdades.”

Seria errado, pensamos, que se considerasse o sonambulismo e a mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, tendo em vista que não são senão dois efeitos resultantes de uma

mesma causa. Essa dupla faculdade é um dos atributos da alma, e tem por órgão o perispírito, cuja irradiação transporta a percepção além dos limites da ação dos sentidos materiais. Propriamente falando, é o *sexto sentido*, que é designado sob o nome de *sentido espiritual*.

O sonambulismo e a mediunidade são duas variedades da atividade desse sentido, que apresentam, como se sabe, nuanças inumeráveis, e constituem aptidões especiais. Fora dessas duas faculdades, mais notáveis, porque são mais aparentes, **seria um erro crer que o *sentido espiritual* não existe senão no estado rudimentar. Como os outros sentidos, ele é mais ou menos desenvolvido, mais ou menos sutil, segundo os indivíduos, mas todo o mundo o possui**, mas não é aquele que presta menos serviço, pela natureza toda especial das percepções das quais é a fonte. Longe de ser a regra, sua atrofia é a exceção, e pode ser considerada como uma enfermidade, do mesmo modo como a ausência da visão ou da audição. **É por esse sentido que recebemos os eflúvios fluidicos dos Espíritos, que nos inspiram, com o nosso desconhecimento, seus pensamentos**, que nos são dadas as advertências íntimas da consciência, que temos o pressentimento e a intuição das coisas futuras ou ausentes, que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, a penetração do pensamento,

etc. **Estas percepções são dadas ao homem pela Providência**, do mesmo modo que a visão, a audição, o odor, o gosto e o tato, para a sua conservação; são os fenômenos muito vulgares que se notam apenas pelo hábito que se tem de senti-los, e dos quais não se dá conta senão nesse dia, em consequência de sua ignorância das leis do princípio espiritual, da própria negação, e, alguns, da existência desconhecida; mas quem leva a sua atenção sobre os efeitos que acabamos de citar e sobre muitos outros da mesma natureza, reconhece o quanto são frequentes e que são completamente independentes das sensações percebidas pelos órgãos do corpo. ⁽⁵⁸⁾ (itálico do original)

Allan Kardec segue com seu comentário, mas por aqui ficamos já que o que nos interessa foi transcrito.

Por medianímico, entendia-se *“Qualidade da forma do médium. Faculdade mediúnica”* ⁽⁵⁹⁾. Na *Revista Espírita 1867*, publicada pela FEB, em vez de *“o sentido medianímico”*, traduziu-se como *“o sentido mediúnico”* ⁽⁶⁰⁾.

O sexto sentido ou sentido espiritual, conforme designa o Codificador, a nosso ver trata-se do

sentido psíquico ou mais propriamente da mediunidade, é algo que *“todo o mundo o possui”*, pois *“é por esse sentido que recebemos os eflúvios dos Espíritos, que nos inspiram, como o nosso desconhecimento, seus pensamentos”*.

Na **Revista Espírita 1868**, Allan Kardec registrou no artigo “Uma manifestação antes da morte” a carta que lhe foi dirigida da cidade de Marennes, assinada por Angelina Ogé, da qual transcrevemos o seu parágrafo:

Tive muitas outras provas da intervenção dos Espíritos, mas que seria muito longo vos detalhar numa carta; **não me lembraria senão o fato de uma discussão de quatro horas que tive, no mês de agosto último, com dois sacerdotes, e durante a qual me senti verdadeiramente inspirado, e forçado a falar com uma facilidade da qual eu mesmo estava surpreso**. Lamento não poder vos reportar essa conversa; isto não vos admiraria, mas vos diverti. ⁽⁶¹⁾

Destacamos dos comentários de Allan Kardec o que diz respeito a essa ocorrência:

Há todo um estudo a fazer sobre esta carta. Nela vemos primeiro um encorajamento a orar pelos doentes, **depois, uma nova prova da assistência dos Espíritos pela inspiração das palavras que se devem pronunciar**, nas circunstâncias em que se estaria muito embaraçado para falar, estando-se entregue às próprias forças. **É talvez um dos gêneros de mediunidade o mais comum, e que vem confirmar o princípio de que todo mundo é mais ou menos médium sem disto desconfiar.** Seguramente, se cada um se reportasse às diversas circunstâncias de sua vida, observasse com cuidado os efeitos que sente, ou dos quais foi testemunha, **não há ninguém que não reconheça ter alguns efeitos de mediunidade inconsciente.** ⁽⁶²⁾

O Codificador afirma que a mediunidade de inspiração é a mais comum e que não há ninguém que não reconhecer ter alguns efeitos de mediunidade inconsciente, ao analisar cuidadosamente os efeitos de diversas ocorrências e circunstâncias da sua vida. Dessa forma muitos são “*médiuns sem disto desconfiar*”.

Leiamos, na **Revista Espírita 1869**, um trecho do seu comentário intitulado “A Mediunidade

e a Inspiração”, no qual ele analisa uma mensagem de Halévy (Espírito), recebida em Paris, pelo grupo Desliens, na data de 16 de fevereiro de 1869:

Sob suas formas variadas ao infinito, **a mediunidade abrange a Humanidade inteira**, como uma rede da qual nada pode escapar. **Todos estando diariamente em contato, quer o saiba ou não, quer queira ou com isso se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Eu não sou, eu não fui ou não serei médium.** Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual o vulgo dá o nome de *voz da consciência*, **cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num sentido ou num outro**, e, frequentemente simultaneamente, ora o bem puro, absoluto; ora os acomodamentos com o interesse; ora o mal em toda sua nudez. – O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu chamado, e ele escolhe; mas escolhe, entre essas diferentes inspirações e seu próprio sentimento. – Os inspiradores são os amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou de passagem, interessados ou verdadeiramente guiados pela afeição. ⁽⁶³⁾

Ressaltamos o trecho “*não há um homem que possa dizer: Eu não sou, eu não fui ou não serei*”

médium”; o que vem reforçar o que se tem dito a respeito do tema.

Na publicação da Federação Espírita Brasileira – FEB de ***O Livro dos Médiuns***, cap. XXI, item 232, lemos:

Fora erro acreditar que alguém que precisa ser médium, para atrair a si os seres do mundo invisível. Eles povoam o espaço; temo-los incessantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, intervindo em nossas reuniões, seguindo-nos, ou evitando-nos, conforme os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica em nada influi para isto: ela mais não é que um meio de comunicação. De acordo com o que dissemos acerca das causas de simpatia e antipatia dos Espíritos, facilmente se compreenderá que **devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito**, conforme é este graduado, ou degredado. [...]. ⁽⁶⁴⁾

Entendemos que *“não é preciso ser médium, para atrair a si os seres do mundo invisível”*, como várias vezes dissemos, se refere à mediunidade no sentido restrito, uma vez que no amplo, todos nós a

temos, pelo motivo de, sem exceção, todos estarmos sujeitos a influência deles.

4.2. Autores clássicos e modernos do Espiritismo

Não podemos deixar de trazer a esse nosso estudo a opinião de **Léon Denis** (1846–1927) ⁽⁶⁵⁾, que, em ***Depois da Morte*** (1889), assim afirmou:

Todos somos médiuns, é verdade; porém, em graus bem diferentes. Muitos o são e ignoram-no; mas **não há homem sobre quem deixe de atuar a influência boa ou má dos espíritos.** Vivemos no meio de uma multidão invisível que assiste, silenciosa, atenta, às minudências de nossa existência; participa, pelo pensamento, de nossos trabalhos, de nossas alegrias e de nossas penas. [...]. ⁽⁶⁶⁾

Denis, o discípulo de Allan Kardec, escreveu cerca de quinze obras Espíritas, considerava também que todos nós somos médiuns.

Provavelmente é sobre isso que o **Dr. Paul Gibier** (1851–1900) ⁽⁶⁷⁾ se referia na obra ***O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)*** (1886):

Somos todos – falamos segundo a teoria espírita – mais ou menos **médiuns**, mas muito poucos indivíduos possuem o poder **mediúnico** (ainda um neologismo) ou **medianímico, em grau suficiente para dar lugar a fenômenos evidentes**. ⁽⁶⁸⁾ (grifo do original)

Paul Gibier, publicou quatro obras de suas pesquisas do fenômeno mediúnico, vê a mediunidade como um estado fisiológico que se apresenta em todos os seres, claro, que se refere à de forma ampla.

Em **O Fenômeno Espírita** (1893), **Gabriel Delanne** (1857-1926) ⁽⁶⁹⁾, pesquisador de primeira linha, tendo publicado cerca de dez obras espíritas, assim nos explica:

A mediunidade não é um dom providencial, uma propriedade anormal, mas, simplesmente, **um estado fisiológico que se apresenta em todos os seres**, poderíamos citar casos numerosos, atentados por grande número de testemunha a respeito da levitação de certas personagens. ⁽⁷⁰⁾ ⁽⁷¹⁾

Gabriel Delanne tem a mesma opinião, ou seja, para ele todos nós somos médiuns.

José Herculano Pires, em **O Infinito e o Finito** (1989), no artigo “O mistério da mediunidade”, dá este importante esclarecimento:

Mas o que é a mediunidade? Uma graça concedida a alguns, uma prova de santidade? Uma forma de desequilíbrio psíquico? Um mistério, como se costuma dizer? Nada disso. **A mediunidade é uma faculdade humana natural. Todos a possuem, mas, como todas as faculdades humanas ela se manifesta em graus diferentes nas criaturas.** Os que a possuem em maior grau são os que geralmente chamamos de médiuns. São Os paranormais da Parapsicologia. Não é dom sobrenatural nem doença mental ou psíquica. **É uma condição humana natural. Somos todos mais ou menos médiuns.** ⁽⁷²⁾

Portanto, fica claro que para Herculano Pires todos somos médiuns. Por outro lado, a distinção da mediunidade em ampla e restrita, fato que faz todos sermos médiuns, é um ponto que também pode ser corroborado com Herculano Pires, que, em

Mediunidade: Vida e Comunicação (1978), disse o seguinte:

[...] Kardec notou a generalização da mediunidade e os espíritos o socorreram, como se vê no *Livro dos Médiuns*, com uma especificação curiosa. **Temos assim duas áreas de função mediúnica.** A primeira corresponde à **mediunidade natural**, que **todos os seres humanos possuem**, e a segunda corresponde à **mediunidade de compromisso**, ou seja, de médiuns investidos espiritualmente de poderes mediúnicos para finalidades específicas na encarnação. Como Kardec mencionou a existência de médiuns elétricos e várias vezes comparou a mediunidade com a eletricidade, surgiu mais tarde entre alguns estudiosos, entre os quais Crawford, a ideia de uma divisão mais explícita, com a designação de **mediunidade estática** e **mediunidade dinâmica.** **A primeira corresponde à mediunidade natural, que todos possuem** e permanece geralmente em estase, com manifestações moderadas e quase imperceptíveis. **A segunda corresponde à mediunidade ativa**, que exige desenvolvimento e aplicação durante a vida do médium. ⁽⁷³⁾

Em Allan Kardec temos a separação entre

mediunidade no sentido restrito e no sentido amplo, o que Herculano Pires interpretou como mediunidade estática e mediunidade dinâmica.

Um pouco mais à frente, continua Herculano Pires:

[...] A **mediunidade estática** não é propriamente uma forma de energia que permanece no organismo corporal em estado letárgico. É simplesmente a disposição natural do espírito para expandir-se, projetar-se e entrar em relação com outros espíritos. **A Parapsicologia atual confirmou a tese espírita das relações telepáticas permanentes na vida social. Nossa mente funciona**, segundo acentua John Ehrenwald em seu estudo sobre relações interpessoais, **como ativo centro emissor e receptor de pensamentos. Estamos sempre conversando sem o perceber. Muitos dos nossos monólogos são diálogos com outras pessoas ou com espíritos. [...].** ⁽⁷⁴⁾

Por acreditarmos que sim, foi que desenvolvemos o artigo **Mediunidade: percepção da psique humana**, que, caso haja interesse de sua parte caro leitor, ele está disponível em nosso site <https://paulosnetos.net> ⁽⁷⁵⁾.

Em ***O Centro Espírita*** (1980), Herculano Pires, esclarece:

O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos Centros, é espantosamente ambivalente e portanto contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. **A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades. Toda criatura humana é naturalmente dotada de mediunidade. Kardec observou a existência da mediunidade generalizada.** Mas a mediunidade manifesta-se nas criaturas em diferentes graus de desenvolvimento. **Todos somos médiuns, todos possuímos o que hoje se chama de percepção extrassensorial, segundo a terminologia parapsicológica.** É natural que os que revelam graus mais intensos de mediunidade, prestando-se por isso a trabalhos mediúnicos, sejam especificamente designados como médiuns, da mesma maneira por que todos possuímos inteligência, mas só os que possuem em grau excepcional são designados como “uma inteligência”, merecendo os louvores e o

respeito dos que não atingiram esse grau. (76)

Herculano Pires é claro e preciso, além disso diz que Allan Kardec “*observou a existência da mediunidade generalizada*”, ou seja, todos a possuem.

Acreditamos ser oportuno trazer outra fala de Herculano Pires, por ser mais explícita; encontramos na obra ***O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade por J. Herculano Pires***, organizada por Célia Arribas, que contém 100 respostas do jornalista aos ouvintes do programa “No Limiar do Amanhã”, transmitido pela Rádio Mulher de São Paulo de 1970 a 1974:

[...] O espiritismo está cheio de razão ao dizer que **a mediunidade é uma condição natural do homem na Terra, a mediunidade é uma faculdade humana natural: todos nós a possuímos** e aqueles que conseguem desenvolvê-la pelo seu aprimoramento mediúnico, pelo desenvolvimento da sua sensibilidade e ao mesmo tempo conseguem empregá-la em favor do próximo, através da sua abnegação e, portanto, da sua evolução moral, realiza na terra hoje diante de nós, diante dos nossos

olhos, aquilo que os apóstolos de Jesus realizaram no seu tempo e aquilo que os profetas bíblicos já realizavam nos tempos antigos do Velho Testamento. [...]. (77)

Herculano Pires, portanto, confirma ser a mediunidade algo da natureza humana, razão pela qual todos a temos em germe, ou, em outras palavras, a possuímos no sentido restrito.

Por termos utilizado um exemplar de **O Livro dos Médiuns** traduzido por Herculano Pires, seria oportuno também colocarmos a sua opinião manifestada em uma das notas de rodapé:

A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos têm pressentimentos, intuições, percepções extrassensoriais, sonhos premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribui segundo as necessidades evolutivas de cada criatura. [...]. (78)

Herculano Pires está, mais uma vez, confirmando que a mediunidade é uma faculdade

humana, conforme já foi dito por várias vezes no decorrer deste estudo.

Em **Mediunidade e Evolução** (1979), o autor Martins Peralva (1918-2007), no cap. 7 - Estudar sempre, diz:

A maioria dos homens habituou-se a crer que médium só o é aquele que, em mesa específica de trabalhos mediúnicos, psicografa ou fala, ouve ou vê os Espíritos, alivia ou cura os enfermos.

*

O pensamento geral, erroneamente difundido além-fronteiras do Espiritismo, é de que médium somente o é aquele que dá passividade aos desencarnados, oferecendo-lhes a organização medianímica para a transmissão da palavra falada ou escrita.

Em verdade, porém, médiuns somos todos nós que registramos, consciente ou inconscientemente, ideias e sugestões dos Espíritos, externando-as, muita vez, como se fossem nossas. ⁽⁷⁹⁾

A opinião de Martins Peralva é bem clara e corrobora a dos outros autores.

O escritor e jornalista espírita Celso Martins em

A Obsessão e Seu Tratamento Espírita (1982), afirma:

Na acepção mais ampla do termo, todos somos médiuns pois todos estamos sujeitos à influência dos Espíritos. Uns mais, outros menos. No entanto, há pessoas que apresentam esta faculdade em grau mais acentuado; nelas o fenômeno se faz mais patente, mais evidenciado. São aquelas pessoas que veem os Espíritos, ouvem as suas vozes, dando-nos os seus recados e mensagens... [...].⁽⁸⁰⁾

Em outras palavras Celso Martins diz exatamente o que podemos depreender das obras da Codificação, quando classifica o médium nos sentidos amplo e restrito.

E para finalizar esse item, citaremos o livro ***Mediunidade***, da escritora e estudiosa **Therezinha Oliveira** (1930-2013), em vida frequentava o Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas (SP), no qual lemos, na 1ª aula: Mediunidade: que é e como praticá-la, o seguinte trecho:

É natural que nos comuniquemos com os espíritos desencarnados e eles conosco, porque também somos espíritos, embora estejamos encarnados.

Pelos sentidos físicos e órgãos motores, tomamos contato com o mundo corpóreo e sobre ele agimos. Pelos órgãos e faculdades espirituais mantemos contato constante com o mundo espiritual, sobre o qual também atuamos.

Todas as pessoas, portanto, recebem a influência dos espíritos.

A maioria nem percebe esse intercâmbio oculto, em seu mundo íntimo, na forma de pensamentos, estados da alma, impulsos, pressentimentos, etc.

Mas há pessoas em quem o intercâmbio é ostensivo. Nelas os fenômenos são frequentes, marcantes, intensos e bem característicos (psicofonia, psicografia, efeitos físicos, etc.), ficando evidente uma outra individualidade: a do espírito comunicante. A essas pessoas, Allan Kardec denominou **médiuns**.

Médium é uma palavra neutra (serve para os dois gêneros), de origem latina; quer dizer mediano, que está no meio. De fato, o médium serve de intermediário entre o mundo físico e o espiritual, podendo ser o intérprete ou instrumento para o espírito desencarnado. ⁽⁸¹⁾ (grifo do original)

De forma simples, clara e concisa Therezinha de Oliveira, conseguiu esclarecer bem a questão, tornando bem fácil diferenciação do que seja um médium no sentido amplo do que se entende no sentido restrito. Eis a razão de nós a citarmos.

4.3. Obras de cunho mediúnico

Da obra *Missionários da Luz*, psicografia de Chico Xavier (1910–2002), transcrevemos do diálogo de André Luiz com seu **Instrutor Alexandre**:

– O Espiritismo cristão é a revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo, e a mediunidade constitui um dos seus fundamentos vivos. **A mediunidade, porém, não é exclusiva dos chamados “médiums”. Todas as criaturas a possuem**, porquanto, significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. [...]. ⁽⁸²⁾

– Aqui, André, observa você o trabalho simples da transmissão mental e não pode esquecer que **o intercâmbio do pensamento é movimento livre no Universo. Desencarnados e encarnados, em todos os setores da atividade terrestre, vivem na mais ampla permuta de ideias**. Cada mente é um verdadeiro mundo

de emissão e recepção e cada qual atrai os que se lhe assemelham. Os tristes agradam aos tristes, os ignorantes se reúnem, os criminosos comungam na mesma esfera, os bons estabelecem laços recíprocos de trabalho e realização. Aqui temos o **fenômeno intuitivo, que, com maior ou menor intensidade, é comum a todas as criaturas**, não só no plano construtivo, mas também no círculo de expressões menos elevadas. [...].⁽⁸³⁾

O Interessante é que além de se confirmar, que todos nós possuímos a mediunidade, também está considerando que o *“fenômeno intuitivo é comum a todas as criaturas”*, e que *“os encarnados e desencarnados vivem na mais ampla permuta de ideias”*, isso só corrobora a mediunidade como sendo algo generalizado mesmo.

Ainda, nessa obra, um pouco mais à frente, continua o diálogo entre os dois personagens:

[...] depois de obter a permissão de Alexandre para acompanhá-lo ao trabalho, interroguei-o com a curiosidade de sempre:

– Todo obsidiado é um médium, na acepção legítima do termo?

O instrutor sorriu e considerou:

– **Médiuns**, meu amigo, **inclusive nós outros, os desencarnados, todos o somos, em vista de sermos intermediários do bem que procede de mais alto, quando nos elevamos, ou portadores do mal, colhido nas zonas inferiores, quando caímos em desequilíbrio.** O obsidiado, porém, acima de médium de energias perturbadas, é quase sempre um enfermo, representando uma legião de doentes invisíveis ao olhar humano. Por isto mesmo, constitui, em todas as circunstâncias, um caso especial, exigindo muita atenção, prudência e carinho. ⁽⁸⁴⁾

Estende a mediunidade como algo inerente também aos espíritos desencarnados.

Não podemos deixar de mencionar que na obra ***Nos Domínios da Mediunidade*** há um artigo, que lhe serve de introdução, intitulado “Raios, ondas, médiuns, mentes...”, datado de 03 de outubro de 1954, no qual **Emmanuel**, o mentor de Chico Xavier, afirma:

E, na grande romagem, **todos somos instrumentos das forças com as quais estamos em sintonia. Todos somos**

médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio, associando-nos às energias edificantes, se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, ou às forças perturbadoras e deprimentes, se ainda nos escravizamos às sombras da vida primitiva ou torturada. ⁽⁸⁵⁾

Portanto, Emmanuel, claramente, corrobora a informação constante das obras da série “André Luiz” de que todos somos médiuns.

Acreditamos que é exatamente isso que, ainda nessa obra, também foi dito por **Áulus** quando orienta aos dois aprendizes – André Luiz e Hilário –, nestes termos:

A mediunidade é um dom inerente a todos os seres humanos, como a faculdade de respirar, e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com as quais sintoniza. ⁽⁸⁶⁾

Nessa obra, no cap. 15 – Forças viciadas, temos um relato interessante. O trio em direção a uma casa espírita vê uma pessoa bêbada, e tal como um polvo estranho uma entidade da sombra

justaposta a ela.

Como dispunham de algum tempo, entram no restaurante, do qual os dois saíram, para observar seu ambiente ⁽⁸⁷⁾. Vejamos o seguinte trecho da narrativa:



Observando os bebedores, cujas taças eram partilhadas pelos sócios que lhes eram invisíveis, Hilário recordou:

– **Ontem, visitamos um templo, em que desencarnados sofredores se exprimiam por intermédio de criaturas necessitadas de auxílio**, e ali estudamos algo sobre mediunidade... **Aqui, vemos entidades viciosas valendo-se de pessoas que com elas se afinam numa perfeita comunhão de forças superiores...** Aqui, tanto quanto lá, **seria lícito ver a mediunidade em ação?**

– **Sem qualquer dúvida** – confirmou o orientador –; **recursos psíquicos, nesse ou naquele grau de desenvolvimento, são peculiares a todos**, tanto quanto o poder de locomoção ou a faculdade de respirar, constituindo forças que o Espírito encarnado ou desencarnado pode empregar no bem ou no mal de si mesmo. **Ser médium não quer**

dizer que a alma esteja agraciada por privilégios ou conquistas feitas. Muitas vezes, é possível encontrar pessoas altamente favorecidas com o dom da mediunidade, mas dominadas, subjugadas por entidades sombrias ou delinquentes, com as quais se afinam de modo perfeito, servindo ao escândalo e à perturbação, em vez de cooperarem na extensão do bem. Por isso é que não basta a mediunidade para a concretização dos serviços que nos competem. Precisamos da Doutrina do Espiritismo, do Cristianismo Puro, a fim de controlar a energia medianímica, de maneira a mobilizá-la em favor da sublimação espiritual na fé religiosa, tanto quanto disciplinamos a eletricidade, a benefício do conforto na Civilização. ⁽⁸⁸⁾

Destacamos *“recursos psíquicos, nesse ou naquele grau de desenvolvimento, são peculiares a todos”*, fato que torna bem claro que todos nós temos algum grau de mediunidade.

Ainda podemos corroborar com outra obra da série André Luiz, no caso, ***Evolução em Dois Mundos***, capítulo XVII - Mediunidade e corpo espiritual, psicografado por Waldo Vieira (1932-2015), no qual o próprio **André Luiz** esclarece que:

A mediunidade, no entanto, **é faculdade inerente à própria vida** e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, é qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos infortúnios na Terra. ⁽⁸⁹⁾

Em ***Mecanismos da Mediunidade***, capítulo XI – Onda mental, psicografado por Waldo Vieira, André Luiz nos remete a uma informação, segundo a qual fica fácil entender a possibilidade de todos nós sermos influenciados uns pelos outros, quer estejamos encarnados ou não. Leiamos:

Reconhecemos que **toda criatura dispõe de oscilações mentais próprias, pelas quais entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou encarnadas que se lhe afinem com as inclinações de desejos, atitudes e obras**, no quimismo inelutável do pensamento. ⁽⁹⁰⁾

Isso, se não estamos sendo pretensioso demais, concilia-se com a definição ampla que propomos, mais no início deste estudo.

Em **Momentos de Consciência**, de autoria de **Joanna de Ângelis**, através da psicografada por Divaldo P. Franco, do capítulo 19 - Consciência e Mediunidade, destacamos o seguinte trecho:

A mediunidade, que vive latente no organismo humano, aprimora-se com o contributo da consciência de responsabilidade, e mediante a atenção que o exercício da sua função bem direcionada lhe conceda.

Faculdade da consciência superior, ou Espírito imortal, reveste-se dos órgãos físicos que lhe exteriorizam os fenômenos no mundo das manifestações concretas.

Não é sintomática de evolução, às vezes constituindo-se carreiro de aflições purgadoras, que se apresenta com a finalidade específica de convidar a criatura ao reajuste moral perante os códigos das Soberanas *Leis de Deus*.

Quando a consciência lhe identifica a finalidade superior e resolve-se por incorporá-la ao seu cotidiano, esplendem-se possibilidades imensas de realização e crescimento insuspeitados.

A mediunidade é ponte valiosa unindo os hemisférios da vida e da morte físicas, eliminando distâncias e preenchendo o fosso separatista entre ambos existente. ⁽⁹¹⁾ (grifo

itálico do original)

Joanna de Ângelis, apesar do linguajar um tanto quanto rebuscado, mais parecendo o de um “acadêmico”, afirma ser a mediunidade uma faculdade orgânica, conseqüentemente, todos a possuem. Porém, em *Ilumina-te*, cujo Prefácio é datado de 29 de agosto de 2012, a nobre mentora é mais objetiva ao dizer:

A faculdade mediúnica, inerente a todas as criaturas humanas, é benção de Deus para facultar a conscientização da realidade transcendente da vida. ⁽⁹²⁾

Em 10 de julho de 2000, na cidade de Paramirim, Bahia, Divaldo Franco, psicografou a mensagem “Sintomas de Mediunidade”, ditada por **Manoel Philomeno de Miranda**, da qual destacamos:

A mediunidade é faculdade inerente a todos os seres humanos, que um dia se apresentará ostensiva mais do que ocorre no presente momento histórico.

À medida que se aprimoram os sentidos sensoriais, favorecendo com mais amplo cabedal de apreensão do mundo objetivo, amplia-se a embrionária percepção extrafísica, ensejando o surgimento natural da mediunidade.

Não poucas vezes, **é detectada por características especiais que podem ser confundidas com síndromes de algumas psicopatologias** que, no passado, eram utilizadas para combater a sua existência. ⁽⁹³⁾

Na obra ***Mediunidade: Desafios e Bênçãos***, cuja apresentação é datada de 15 de agosto de 2011, Manoel Philomeno explica-nos que:

A predisposição mediúnica é atributo do Espírito que o corpo expressa através das células que o constituem, a fim de propiciar o intercâmbio entre os seres que estagiam em áreas de vibrações diferentes, especialmente os desencarnados, facultando as comunicações entre os dois planos da vida.

À semelhança da inteligência, que tem suas raízes no ser imortal e se expressa através dos neurônios cerebrais, **apresenta-se a mediunidade sob um elenco amplo de características e tipos apropriados.**

Ostensiva em alguns indivíduos,

prescinde das qualidades morais do seu portador, tornando o fenômeno cristalino, espontâneo, que irrompe, não raro, de maneira violenta, até que a educação necessária discipline o seu fluxo e exteriorização.

Inerente a todos os homens e mulheres, pode surgir tênue e sutil, ampliando-se, à medida que o exercício bem direcionado consegue desenvolver-lhe a área psíquica de adaptação das mensagens. ⁽⁹⁴⁾

Concedida a todos os homens e mulheres, sem privilégio de etnia, caráter, de fé religiosa, de condição socioeconômica, representa uma alta concessão, que faculta o conhecimento da imortalidade do Espírito, assim como das consequências morais resultantes da conduta existencial. ⁽⁹⁵⁾

[...] porquanto **a mediunidade é faculdade orgânica de que todos os indivíduos são possuidores**, variando de intensidade e de recursos que facultem o intercâmbio com os Espíritos, encarnados ou não. ⁽⁹⁶⁾

Manoel Philomeno é bem claro ao afirmar, sem dar margem a qualquer dúvida, que “*a mediunidade é faculdade inerente a todos seres humanos*”.

Da obra **Tormentos da Obsessão**, capítulo Experiências Gratificadora, tomemos esta explicação de **Eurípedes Barsanulfo** a Manoel Philomeno de Miranda e Alberto:

Todas as criaturas terrestres – Espíritos reencarnados que são – possuem percepção mediúnica, que o futuro se encarregará de estudar com seriedade, a fim de ser utilizada com elevação, tornando-se um sentido a mais que será conquistado a pouco e pouco, lentamente incorporando-se aos demais sensoriais. **O eminente Codificador informou que a *mediunidade radica-se no organismo***, sendo, portanto, uma conquista do processo evolutivo para facilitar o crescimento do Espírito, que no corpo imprimiu essa função. Aqueles, portanto, que **são portadores de capacidade ostensiva** e se comprometeram antes do berço em vitalizá-la pelo exemplo de honradez e abnegação, quando se entregaram ao uso indevido das forças de que eram portadores, ataram-se a infelizes adversários pessoais, assim como do Bem, que lutam milenarmente para a instalação da loucura no mundo. [...]. ⁽⁹⁷⁾ (itálico do original)

Aqui temos a mediunidade como faculdade

pertencente “a todas as criaturas terrestres - Espíritos reencarnados”. Faz alerta aos que a tem ostensivamente, ou seja, de forma restrita, o que, certamente, se presume que, em contrapartida, existe a mediunidade ampla, é o que, para nós, ficou claro com o que já colocamos.

Reportaremos também ao espírito **Bezerra de Menezes**, que a uma certa altura da mensagem intitulada Advertência constante de **Dramas da Obsessão**, datada de 14 de março de 1964, assim disse:

Sabido é, entre espíritas fiéis aos seus princípios, que todos os homens são médiuns, ou, pelo menos, possuem a possibilidade de se deixarem influenciar pelas individualidades invisíveis, sejam estas esclarecidas, medíocres ou inferiores. Todavia, sabido será também que mais depressa a individualidade humana se permitirá envolver-se com as últimas que com as primeiras. [...].⁽⁹⁸⁾

Antes de encerrar nosso estudo seria de bom tom que pudéssemos responder a uma eventual pergunta: deveremos tentar desenvolver a nossa

mediunidade? Essa questão será respondida num capítulo um pouquinho mais à frente.

5. Um bom exemplo de ser médium sem o saber

Não há a menor dúvida de que milhares de pessoas ligadas às incontáveis crenças religiosas, espalhadas mundo afora, são médiuns sem o saber, porquanto, como ficou claro, a mediunidade é uma faculdade humana e os Espíritos, via de regra, nos dirigem.

O próprio Allan Kardec é um bom exemplo de “*ser médium sem o saber*”, conforme iremos, na sequência, demonstrar.

Na **Revista Espírita 1861**, encontramos o discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux, ocorrido em 14 de outubro de 1861, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, **fui ajudado pelos Espíritos**, assim como eles me disseram várias vezes, **mas sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra**, e hoje compreendo que é feliz

para mim que assim o seja. [...]. (99)

Ao dizer “*não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra*” Allan Kardec reafirma que há outro sentido para essa palavra. Como visto temos dois sentidos: o sentido amplo e o sentido restrito, este último é que foi designado de vulgar, ou seja, comum. Se nega este o Codificador admite ter o sentido amplo -, quando diz que foi ajudado pelos Espíritos.

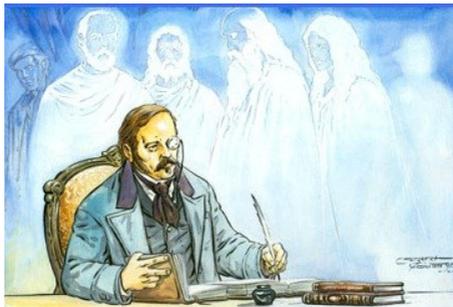
Allan Kardec, quase um ano tempo depois, confirma isso, conforme se pode ver na **Revista Espírita 1867**, mês de setembro:

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. **Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas**, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, – em outros tempos eu

teria dito: como por encantamento; – de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. ⁽¹⁰⁰⁾

Acreditamos que aqui Allan Kardec avança mais um pouco quando diz “*além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas*”, demonstrando, que, na prática, os Espíritos lhe transmitiam pensamentos ligados aos assuntos que tratava.

Vejamos a seguinte imagem ⁽¹⁰¹⁾, na qual temos nela uma representação artística da assistência dos Espíritos ao Codificador:



É provável que o autor, que infelizmente não conseguimos identificar, tenha se inspirado na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, no relato do diálogo com o Espírito Pierre Le Flamand, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. – R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... **Ah! ele nos melhora bem.** [...].

48. Estava só? - R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas **havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.**

49. **Ele os ouvia? – R. Ouvia-os**, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. – O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? – R. Não; não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? – R. Eu o creio muito! Sobretudo, havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia e que tinham o

ar de se aconselharem com outros; ele, ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele, e com isso parecia contente. ⁽¹⁰²⁾

Muito interessantes saber que, em relação aos Espíritos que estavam em sua casa, Allan Kardec “*nos melhora bem*” e “*havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia*”, demonstrando, por conseguinte que Allan Kardec era, de fato, médium.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de abril, Allan Kardec publica diversas mensagens relacionadas a seu artigo “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, das quais destacamos estas duas:

1ª) Assinada por “Vosso guia Espiritual”, pelo médium Sr. Barão de Kock:

Sobre este artigo não tenho senão poucas palavras a dizer, senão que é sublime de verdade; nada há a acrescentar, nada há a suprimir; bem felizes aqueles que unirem fé a essas belas palavras, aqueles que aceitarão esta Doutrina escrita por Kardec. Kardec é o homem eleito de Deus para instrução do homem desde o presente; **são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores.** Acrescentai-lhe fé; lede, estudai toda esta

Doutrina: é um bom conselho que vos dou.
(¹⁰³)

2ª) Assinada por “Paul, Espírito protetor”, recebida pela médium senhora Delton:

Não direi nada diverso sobre essa interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que ela faz parte dos ensinamentos que devem vos ser dados, a fim de dar, às coisas mal compreendidas, seu verdadeiro sentido. **Não creiais que o autor desse artigo o haja escrito sem assistência, como ele mesmo pensou; acreditou emitir suas próprias ideias e foi por isso que dela se duvidou, ao passo que, em realidade, não fez senão dar uma forma às que lhe eram inspiradas.**

Sim, está com a verdade quando disse que os anjos rebeldes estão ainda sobre a Terra, e que são os materialistas e os ímpios, aqueles que ousam negar o poder de Deus, não está aí o cúmulo do orgulho? Todos vós que credes em Deus e cantais seus louvores, vos indignais com tal audácia da criatura, e tendes razão; mas sondai a vossa consciência, e vede se não estais, vós mesmos, a cada instante em revolta contra ele, pelo esquecimento de suas mais santas leis. [...]. (¹⁰⁴)

Julgamos que, ao escrever o artigo sobre os anjos decaídos, Allan Kardec o fazia sob inspiração

dos Espíritos do bem, portanto, não há dúvida alguma que agiu como médium. Mas qual tipo de mediunidade que o Codificador possuía, de inspiração ou intuição? De **O Livro dos Médiuns**, tomemos esta definição, que irá nos ajudar a definir:

Médiuns intuitivos: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Diferem dos médiuns inspirados em que estes últimos não precisam escrever, ao passo que **o médium intuitivo escreve o pensamento** que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado. (Nº 180.)⁽¹⁰⁵⁾

Assim, entendemos que, s.m.j., **Allan Kardec era médium intuitivo**, uma vez que ele escrevia o que os Espíritos lhe sopravam. E como médiuns de inspiração, somos todos nós, pois, como já dito, não há ninguém que não sofra algum tipo de influência dos Espíritos, ainda que não o perceba: *“frequentemente são eles que vos dirigem”* ⁽¹⁰⁶⁾.

Ademais, todos nós estamos “ligados” aos nossos anjos da guarda, e como bem disse São Luís e Santo Agostinho, conforme já vimos: “São essas

comunicações de cada homem como o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde” (107).

Surgiu-nos a ideia de que artistas, compositores, escritores, oradores, escultores, desenhistas, pintores, etc., em grande parte, senão todos, são médiuns intuitivos.

A nossa surpresa, quanto a isso, foi constatar que Gabriel Delanne, respeitável pesquisador do Espiritismo, também pensava assim.

Em ***O Espiritismo Perante a Ciência***, ao comentar sobre a mediunidade intuitiva, a certa altura Delanne disse:

O que os artistas, os escritores, os oradores chamam inspiração é ainda uma prova da intervenção dos Espíritos, que nos influenciam para o bem e para o mal, mas ela é antes obra daqueles que nos desejam o bem e cujos bons conselhos frequentemente cometemos o erro de não seguir; ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar; sob esse ponto de vista, pode-se dizer

que todos somos médiuns. Se estivéssemos bem compenetrados desta verdade, teríamos muitas vezes recorrido à inspiração dos guias nos momentos difíceis da vida. ⁽¹⁰⁸⁾

E veja, caro leitor, o que se lê no parágrafo imediatamente anterior:

Todos somos, mais ou menos, médiuns intuitivos. Quem já não sentiu, na calma profunda de uma bela noite, essas influências misteriosas e benfazejas que confortam o coração? **Donde vêm esses pensamentos tão doces,** esses sonhos encantadores, essas aspirações para o ideal que experimentamos em certas épocas da vida? **Eles nos são inspirados pelos entes amados que nos rodeiam,** que nos cercam com sua solicitude, e que se sentem felizes quando nos veem seguir os conselhos que nos insinuam. ⁽¹⁰⁹⁾

Delanne, portanto, corrobora que todos nós somos médiuns, o que, a nosso ver, não é tão difícil assim de entender, ainda que alguns confrades, insistentemente, venham a negar isso.

Mas será que, em relação aos fenômenos de

efeitos físicos, não se poderia também dizer que todos somos médiuns? Quem irá nos responder essa intrigante questão é o escritor Arthur Conan Doyle (1859–1930), na sua obra ***História do Espiritismo***, afirma que:

Crawford deu grande importância à correspondência entre o peso do ectoplasma emitido e a perda de peso do médium. **Suas experiências parecem mostrar que todos são médiuns; que cada um perde peso numa sessão de materialização**, e que o médium principal apenas difere dos outros pela circunstância de poder desprender muito maior quantidade de ectoplasma. ⁽¹¹⁰⁾

Amplia-se, portanto, as ocorrências que apontam na direção de se comprovar que, de fato, todos nós somos médiuns.

Agora, sim, no próximo capítulo, analisaremos, como prometido, se é conveniente desenvolvermos a mediunidade.

6. Deve-se procurar desenvolver a mediunidade?

Ao que nos parece a mediunidade de psicografia, por se a que mais fica em evidência, deve ser o “sonho de consumo” de muita gente.



Transcrevemos de **Chico Xavier: Amor e Sabedoria**, autoria do jornalista e escritor João Cuin, o seguinte trecho:

A mediunidade não é fruto só do desejo

de ser médium: é o resultado de longa e laboriosa preparação, através de muitas vivências, no curso dos séculos e milênios de esforços preparatório.

Em graus diferentes, todos nós possuímos faculdades mediúnicas. Teoricamente todos somos médiuns. Mas **a especialização exige esforço, dedicação e amadurecimento**, assim como acontece com relação a qualquer arte ou ciência. Toda sabedoria tem um começo, toda conquista tem um início e demanda tempo – um tempo que pode ser mais ou menos longo, dependendo da ciência ou arte que se proponha o candidato.

Na faculdade, o médico não compra a sabedoria, mas terá de assimilá-la à custa de esforços próprios, terá de frequentar as aulas e muito estudar, terá de “queimar as pestanas” em cima de livros e mais livros e sofrer pela aquisição do saber acadêmico.

Conhecimento não entra pelos poros, nem é produto disponível no mercado de quinilharias. Assim também se dá com a formação espiritual. **Mediunidade não é privilégio de ninguém, mas somente a possui avançada quem a tenha desenvolvido.** Não há exceções nas regras da Lei: todos possuímos conforme as próprias conquistas efetuadas. Deus é pai amoroso e justo, não dispensador de favores gratuitos. ⁽¹¹¹⁾

Observa-se que a mediunidade é uma faculdade que se desenvolve ao longo de um tempo, mas, geralmente, as pessoas querem desenvolvê-la bem rapidamente. Então em resposta à pergunta do título, diremos que não seria conveniente, uma vez que é melhor deixar que o seu desenvolvimento siga o curso natural das coisas.

Allan Kardec, falando especificamente a respeito da vidência, respondeu a uma pergunta semelhante; leiamos em **O Livro dos Médiuns**:

a) Essa faculdade pode desenvolver-se pelo exercício?

– Pode, como todas as outras faculdades. Mas **é daquelas cujo desenvolvimento natural é melhor do que o provocado**, quando corremos o risco de sobre-excitar a imaginação. A visão geral e permanente dos Espíritos é excepcional e não pertence às condições normais do homem. ⁽¹¹²⁾

Ao colocar a faculdade de ver os espíritos como pertencente ao número “*daquelas cujo desenvolvimento natural é melhor*”, fácil concluir que considerava, também em relação a outras, ser

prudente esperar que surjam naturalmente, embora não as tendo nominado. A razão disso ele atribuiu à possibilidade de sobre-excitar a imaginação.

O estudioso Hermínio Corrêa de Miranda (1920–2013), na obra intitulada ***Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos***, disse:

E mais: **“até que você tenha dominado todos os seus temores, adie a tentativa de desenvolver sua mediunidade”**. O conselho se resume em estudar mais, antes de tentar.

Por outro lado, o desenvolvimento da mediunidade é igual ao desenvolvimento de qualquer outra faculdade; que **todos somos médiuns em estado potencial**; que em algumas pessoas o fenômeno se opera espontaneamente, porque tanto o mecanismo da mente como o do corpo são adaptáveis, enquanto que outros precisam de certo tratamento.

Seus conselhos são oportunos e o livro os oferece a cada passo, como, por exemplo: se o leitor deseja tornar-se médium apenas para “passar o tempo”, estará simplesmente abrindo a porta a outros desperdiçadores de tempo como ele mesmo. **Ao se tornar sensível ao pensamento dos Espíritos, o médium aumenta sua sensibilidade com**

relação às pessoas encarnadas. Acresce que ao atingir a notoriedade, o médium se encontrará rodeado de pessoas invejosas que experimentarão certo ressentimento pelo fato de que, de certa forma, o médium é diferente delas. O risco aí é grande, pois, como adverte o autor, se o médium “é mesquinho, bestial, vingativo ou invejoso” precisa também compreender que “a lei da atração dos semelhantes é suprema no mundo do pensamento”; nessas condições, atrairá Espíritos idênticos que o deixarão inteiramente desorientado. ⁽¹¹³⁾

Confirma-se, portanto, o que encontramos na Codificação, além de ser mais explícito quanto à inconveniência do desenvolvimento provocado.

Já no final desse capítulo, julgamos oportuno trazer a opinião do **Espírito Bezerra de Menezes**, para os que pensam em provocar o desenvolvimento da sua mediunidade. Vejamos o que se pode ler no livro **Recordações da Mediunidade**, de autoria da médium Yvonne A. Pereira (1900–1984):

Os ensinamentos contidos nos códigos espíritos, **a advertência dos elevados Espíritos que os organizaram e a prática do espiritismo demonstram que nenhum**

indivíduo deverá provocar, forçando-o, o desenvolvimento das suas faculdades mediúnicas, porque tal princípio será contraproducente, ocasionando novos fenômenos psíquicos e não propriamente espíritas, tais como a autossugestão ou a sugestão exercida por pessoas presentes no recinto das experimentações, a hipnose, o animismo, ou personismo, tal como o sábio dr. Alexandre Aksakof classifica o fenômeno, distinguindo-o daqueles denominados “efeitos físicos”. **A mediunidade deverá ser espontânea por excelência**, a fim de frutescer com segurança e brilhantismo, e será em vão que o pretendente se esforçará por atraí-la antes da ocasião propícia. Tal insofridez redundará, inapelavelmente, repetimos, em fenômenos de autossugestão ou o chamado animismo, isto é, **a mente do próprio médium criando aquilo que se faz passar por uma comunicação de Espíritos desencarnados**. Existem mediunidades que do berço se revelam no seu portador, e estas são as mais seguras, porque as mais positivas, frutos de longas etapas reencarnatórias, durante as quais os seus possuidores exerceram atividades marcantes, assim desenvolvendo forças do Perispírito, sede da mediunidade, vibrando intensamente num e noutro setor da existência e assim adquirindo vibratilidades acomodatórias do fenômeno. Outras existem ainda em formação (forças vibratórias frágeis, incompletas, os chamados “agentes

negativos”), que jamais chegarão a se adestrar satisfatoriamente numa só existência, e que se mesclarão de enxertos mentais do próprio médium em qualquer operosidade tentada, dando-se também a possibilidade até mesmo da pseudoperturbação mental, ocorrendo então a necessidade dos estágios em casas de saúde e hospitais psiquiátricos se se tratar de indivíduos desconhecedores das ciências psíquicas. Por outro lado, esse tratamento será balsamizante e até necessário, na maioria dos casos, visto que tais impasses comumente sobrecarregam as células nervosas do paciente, consumindo ainda grande percentagem de fluidos vitais, etc., etc. [...]. **(a) Adolfo Bezerra de Menezes.**
(¹¹⁴)

Sentimo-nos no dever de apresentar esse alerta, para evitar que pessoas desejosas de “possuir” a mediunidade na forma ampla, ao lerem o que aqui colocamos, se sintam incentivadas a buscar o seu desenvolvimento mediúnico e, com isso, acabem trazendo prejuízos psíquicos a si mesmas, cuja responsabilidade poderia cair sobre nossa cabeça, caso não o fizéssemos.

7. Conclusão

Concluimos que todos nós somos médiuns, sim, pois não há uma só pessoa que não receba influência dos espíritos; na pior das hipóteses, em duas situações: em uma delas, a do seu anjo da guarda; na outra, é a que acontece durante os momentos de emancipação da alma, quando um encarnado se comunica com os Espíritos que lhe são simpáticos, conforme aqui demonstramos ambos os casos.

Obviamente, que nosso modo de pensar pode não ser comungado por alguns companheiros espíritas, o que, acreditamos, certamente, acontecerá; porém, por coerência, continuaremos respeitando a liberdade de cada um ter a sua própria opinião.

E para terminar não podemos deixar também de mencionar que é muito comum pessoas, geralmente que não têm um conhecimento doutrinário mais aprofundado, colocarem os

médiuns, já experientes no labor mediúnico, no alto de um pedestal, tomando-os como se fossem pessoas especiais, quando, na verdade, não é bem isso, conforme se lê em ***Emmanuel - Dissertações Mediúnicas***:

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre, são espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas, que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia. ⁽¹¹⁵⁾

Que os próprios médiuns não se coloquem em evidência e exerçam sua atividade mediúnica com muita humildade, não se deixando embalar pelos mimos desses companheiros. Ademais, que não devem se esquecer da advertência do Mestre Jesus de que *“àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido”* (Lucas 12,48).

8. Referências bibliográficas

- ARRIBAS, C. (org) **O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade por J. Herculano Pires**. São Paulo: Paidea, 2016.
- CUIN, J. **Chico Xavier: Amor e Sabedoria**. São Paulo: DPL, 2006.
- DELANNE, G. **O Espiritismo Perante a Ciência**. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- DELANNE, G. **O Fenômeno Espírita**. Rio de Janeiro: 1977.
- DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DOYLE, A. C. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1990.
- FRANCO, D. P. **Ilumina-te**. Catanduva (SP): Intervidas, 2013.
- FRANCO, D. P. **Mediunidade: Desafios e Bênçãos**. Salvador: LEAL, 2017.
- FRANCO, D. P. **Momentos de Consciência**. (PDF) Salvador: LEAL, 2007.
- FRANCO, D. P. **Sintomas de Mediunidade**, jornal Mundo Espírita nº 1400, mar/2001.
- FRANCO, D. P. **Tormentos da Obsessão**. Salvador: LEAL, 2001.

- GIBIER, P. **O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- KARDEC, A. **A Gênese**. São Paulo: FEAL, 2018.
- KARDEC, A. **Iniciação Espírita**. São Paulo: Edicel, 1986.
- KARDEC, A. **Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas**. (PDF) Rio de Janeiro: FEB, 1978 (?).
- KARDEC, A. **Instruções práticas sobre a manifestação dos Espíritos**. In: *Iniciação Espírita*. São Paulo: Edicel, 1986.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras, SP: IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras, SP: IDE, 1993.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866** (PDF). Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras, SP: IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867** (PDF). Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras, SP: IDE, 2001.
- MARTINS, C. **A Obsessão e Seu Tratamento Espírita**. São Paulo: Edicel, 1987.
- MIRANDA, H. C. **Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- OLIVEIRA, T. **Mediunidade**. Capivari (SP): São Paulo, 1996.
- PERALVA, M. **Mediunidade e Evolução**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PEREIRA, Y. A. **Dramas da Obsessão**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PEREIRA, Y. A. **Recordações da Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

PIRES, J. H. **Mediunidade: Vida e Comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais.** São Paulo: EDICEL, 1987.

PIRES, J. H. **O Centro Espírita.** (PDF) São Paulo: Paideia, 2000.

PIRES, J. H. **O Infinito e o Finito.** São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1983.

XAVIER, F. C. **Emmanuel - Dissertações Mediúnicas.** FEB, 1987.

XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. **Evolução em Dois Mundos.** Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. **Mecanismos da Mediunidade.** Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. **Missionário da Luz.** Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. **Nos Domínios da Mediunidade.** Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Internet:

Capa:

<http://www.inspirationalwords.org/wp-content/uploads/2011/02/8259686.jpg>. Acesso em: 05 fev. 2019.

CEEEM - Centro de Estudos Espírita Emmanuel, *Influência do meio*, disponível em <https://www.kardecriopreto.com.br/wp-content/uploads/2016/03/2-5.jpg>. Acesso em: 25 ago. 2020

Kardec e os Espíritos que o assistiam:

<http://1.bp.blogspot.com/-mgkkDaCUBjs/TZPDQJ-x1fI/AAAAAAAAAJo/bxj2o1Vzhrw/s1600/Figura%252520projeto%252520imagem%25252018.jpg>. Acesso em: 05 fev. 2019.

Léon Denis:

<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Leon%20Denis%20Livros/Leon%20Denis%20Livros.htm>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Mediunidade de psicografia:

<https://danieldunghashome.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Texto-Consolida%C3%A7%C3%A3o-D.D.H.-02-12-2019.jpg>. Acesso em: 03 set. 2020.

Paul Gibier:

<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier.htm>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Mediunidade: percepção da psique humana*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/mediunidade-percepcao-da-psique-humana>. Acesso em: 24 jul. 2024.

9. Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta*; 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?*; 11) *A Mulher na Bíblia*; 12) *Todos Nós Somos Médiuns?*; 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas*; 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*; 15) *O Fim dos Tempos Está Próximo?*; 16) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves*; 17) *Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*; 18) *A Aura e os Chakras no Espiritismo*; 19) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?*; 20) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida*; 21) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 22) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 23) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma*; 24) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina*; 25) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*; 26) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas*; 27) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 28) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 29) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; e 30) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, *A Gênese*, p. 451-452.
- 2 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 212.
- 3 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre a Manifestação dos Espíritos*, p. 196-197.
- 4 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 351.
- 5 Na RE 1860, há o artigo intitulado “Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas”, trata da evocação do espírito de Dr. Vignal, (KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 81-86). Outros casos de manifestação poder-se-ão ser vistos: RE 1859, p. 110, 127-128 e 197 (KARDEC, *Revista Espírita 1859*); RE 1860, p. 11-19, 37-38 e 173-174 (KARDEC, *Revista Espírita 1860*)
- 6 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.
- 7 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 142.
- 8 KARDEC, *Instrução Prática das Manifestações Espíritas* (PDF), p. 27.
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 49.
- 10 KARDEC, *Instruções Práticas Sobres as Manifestações dos Espíritos*, p. 251.
- 11 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 29.
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 35-36.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 312.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 241-243.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 57.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 322-323.
- 17 KARDEC, *Instrução Prática das Manifestações Espíritas* (PDF), p. 27.
- 18 KARDEC, *Instruções Práticas Sobres as Manifestações dos Espíritos*, p. 251.
- 19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.

- 20 KARDEC, *Instruções Práticas Sobres as Manifestações dos Espíritos*, p. 251.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 274.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 60-61.
- 23 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 212.
- 24 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.
- 25 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 10.
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 281-283.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 302-303.
- 28 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 107.
- 29 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 30.
- 30 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 31.
- 31 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 177.
- 32 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 169.
- 33 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 331-332.
- 34 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 238-239.
- 35 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p 103.
- 36 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.
- 37 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 154.
- 38 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 154.
- 39 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 155.
- 40 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 233.
- 41 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 404.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 67.
- 43 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 2-9.
- 44 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 230/238-239.
- 45 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 242-243.
- 46 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 248-249.

- 47 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 249.
- 48 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 302-303.
- 49 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 240-241.
- 50 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 212.
- 51 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 45.
- 52 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 249.
- 53 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 252.
- 54 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 149-150.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 154.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 34.
- 57 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, FEB, p. 125.
- 58 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 172-173.
- 59 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 416.
- 60 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, FEB, p. 242.
- 61 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 25.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 25.
- 63 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 94-95.
- 64 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 306.
- 65 Léon Denis foi um filósofo, médium e um dos principais continuadores do Espiritismo após a morte de Allan Kardec, ao lado de Gabriel Delanne e Camille Flammarion. Foi o consolidador do Espiritismo. Não foi apenas o substituto e continuador de Allan Kardec, como geralmente se pensa. Denis tinha uma missão quase tão grandiosa quanto à do Codificador. Cabia-lhe desenvolver os estudos doutrinários, dar continuidade às pesquisas mediúnicas, impulsionar o movimento espírita na França e no Mundo, aprofundar o aspecto moral da Doutrina e, sobretudo, consolidá-la nas primeiras décadas do século. Dentre as suas múltiplas ocupações, foi presidente de honra da União Espírita Francesa, membro honorário da Federação Espírita

Internacional, presidente do Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, no ano de 1925. Teve também a oportunidade de dirigir, durante longos anos, um grupo experimental de Espiritismo, na cidade francesa de Tours. (<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Leon%20Denis%20Livros/Leon%20Denis%20Livros.htm>)

- 66 DENIS, *Depois da Morte*, p. 179.
- 67 O Doutor Paul Gibier um dos sábios pesquisadores da fenomenologia espírita no século XIX, membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, foi médico, diretor do Laboratório de Patologia Experimental e Comparada do Museu de História Natural de Paris, aluno predileto de Louis Pasteur, ex-interno dos Hospitais de Paris, condecorado pela Faculdade de Medicina de Paris pela apresentação de tese sobre a raiva, incumbido pelo governo francês de estudar na França e no Exterior várias epidemias de “cólera-morbo” e de febre amarela, diretor do Instituto Bacteriológico (Instituto Pasteur) de Nova Iorque, membro da Academia de Ciências de Nova Iorque, Cavaleiro da Legião de Honra. (<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier/Paul%20Gibier.htm>)
- 68 GIBIER, *O Espiritismo*, p. 32.
- 69 Na *Revista Espírita 1865*, temos a seguinte fala de Kardec:
- “O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho com a idade de oito anos. Esse menino que ouve a cada instante falar de Espiritismo em sua família, e que frequentemente assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, assim se achou iniciado em boa hora na Doutrina, e, às vezes surpreende com a justeza com a qual raciocina os princípios. Isto nada tem de surpreendente, uma vez que é o eco das ideias nas quais foi embalado, também não é o objetivo desse artigo; o que o trouxe na matéria

do fato que vamos reportar, é que tem seu propósito nas circunstâncias atuais. As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias e mantidas com uma ordem perfeita, como devem ser todas aquelas às quais se quer fazer tirar frutos. [...] Dirigidas com método e recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão nas condições desejadas para levar a convicção pela impressão que elas produzem. [...] O filho do Sr. Delanne se associa frequentemente a essas manifestações, e influenciado pelo bom exemplo, as considera como coisa séria.” (KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 323-324)

- 70 Nota da transcrição: Veja **de Rochas**: “A Levitação”.
- 71 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 70.
- 72 PIRES, *O Infinito e o Finito*, p. 80-81.
- 73 PIRES, *Mediunidade: Vida e Comunicação*, p. 18.
- 74 PIRES, *Mediunidade: Vida e Comunicação*, p. 19.
- 75 SILVA NETO SOBRINHO, *Mediunidade: percepção da psique humana*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/mediunidade-percepcao-da-psique-humana>
- 76 PIRES, *O Centro Espírita*, p. 29.
- 77 ARRIBAS, *O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade por J. Herculano Pires*, p. 45.
- 78 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 183.
- 79 PERALVA, *Mediunidade e Evolução*, p. 33.
- 80 MARTINS, *A Obsessão e Seu Tratamento Espírita*, p. 39.
- 81 OLIVEIRA, *Mediunidade*, p. 7.
- 82 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 32.
- 83 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 57.
- 84 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 297.
- 85 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 11.

- 86 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 51.
- 87 CEEEM, *Influência do Meio*, disponível em <https://www.kardecriopreto.com.br/wp-content/uploads/2016/03/2-5.jpg>
- 88 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 140-141.
- 89 XAVIER, *Evolução em Dois Mundos*, p. 136.
- 90 XAVIER, *Mecanismos da Mediunidade*, p. 88.
- 91 FRANCO, *Momentos de Consciência*, p. 63-64.
- 92 FRANCO, *Ilumina-te*, p.171.
- 93 FRANCO, *Sintomas de Mediunidade*, jornal Mundo Espírita, mar/2001.
- 94 FRANCO, *Mediunidade: Desafios e Bençãos*, p. 57.
- 95 FRANCO, *Mediunidade: Desafios e Bençãos*, p. 65.
- 96 FRANCO, *Mediunidade: Desafios e Bençãos*, p. 94.
- 97 FRANCO, *Tormentos da Obsessão*, p. 136-137.
- 98 PEREIRA, *Dramas da Obsessão*, p. 7.
- 99 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 340.
- 100 KARDEC, *Revista Espírita 1867* p. 274.
- 101 Kardec e os Espíritos que o assistiam:
<http://1.bp.blogspot.com/-mgkkDaCUBjs/TZPDQJ-x1fI/AAAAAAAJ0/bxj2o1Vzhrw/s1600/Figura%252520projeto%252520imagem%25252018.jpg>
.
- 102 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 119-120.
- 103 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 115.
- 104 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 117.
- 105 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 243-244.
- 106 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 459, p. 230.
- 107 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 495, p. 240-241.
- 108 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 339.

- 109 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 339.
- 110 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 359.
- 111 CUIN, *Chico Xavier: Amor e Sabedoria*, p. 116.
- 112 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 93.
- 113 MIRANDA, *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos*, p. 172-173.
- 114 PEREIRA, *Recordações da Mediunidade*, p. 19-20.
- 115 XAVIER, *Emmanuel - Dissertações mediúnicas*, p. 66-67.